

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A ORDEM DE NASCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO
VOCACIONAL EM ALUNOS DO 9.ºANO**

Mara Natércia Aguiar Abreu

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A ORDEM DE NASCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO
VOCACIONAL EM ALUNOS DO 9.ºANO**

Mara Natércia Aguiar Abreu

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Janeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)
2011

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

À Professora Doutora Isabel Janeiro, por ter orientado esta dissertação, pelo apoio, disponibilidade e partilha de conhecimentos, bem como, pelo entusiasmo investidos no mesmo.

À Dra. Joana França (Escola Secundária Rainha Dona Leonor), ao Dr. Firmino Rodrigues (Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro), à Dra. Isabel do Vale e à Fátima Correia (EB 2,3 Patrício Prazeres), à Cristiana Morais (EB 2,3 Fernando Pessoa), ao Dr. Félix Bolaños (Agrupamento de Escolas da Apelação) por terem colaborado na recolha de dados junto dos alunos.

Aos meus amigos, em particular à Marta e à Ana que fazem parte da minha vida desde sempre e que me apoiaram nesta fase tão importante. À Fátima e à Bruna pelos momentos de partilha e amizade ao longo destes cinco anos de vida académica e por terem colaborado na revisão desta dissertação.

Aos meus colegas de turma, particularmente à Raquel e à Soraia, com quem vivi momentos que jamais irei esquecer e que me fizeram crescer enquanto pessoa e enquanto estudante.

À minha família, em particular aos meus pais, aos meus irmãos e à minha tia Eugénia que apesar da distância estiveram sempre ao meu lado nesta longa caminhada, reconfortando-me com palavras de apoio e carinho.

Resumo

A influência da família na escolha de carreira tem sido relacionada com variáveis como a configuração familiar, nomeadamente, no que respeita ao número de filhos, à ordem e ao espaçamento dos nascimentos.

Partindo da perspectiva teórica Adleriana que defende que filhos de ordens de nascimento diferentes desenvolvem níveis de adaptação, traços de personalidades e estilos de vida distintos, o presente estudo pretende ser um contributo para a compreensão acerca da ordem de nascimento e a sua relação com as atitudes de planeamento e exploração vocacionais, com os estilos atribucionais de carreira e com a elaboração de projectos vocacionais.

Neste estudo participaram 230 estudantes do 9.º ano de escolaridade de cinco estabelecimentos de ensino público, dos concelhos de Lisboa, Loures e Caldas da Rainha. Foram aplicados o *Questionário Demográfico*, o *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* (CDI) e a *Escala de Atribuições de Carreira* (EAC).

Os resultados obtidos indicam que apesar de ser considerada uma variável importante no desenvolvimento vocacional, a ordem de nascimento por si só não parece afectar a forma como os jovens se preparam para as tarefas vocacionais, pois não foram encontradas diferenças significativas entre as diferentes posições na fratria.

Dada a complexidade desta variável sugere-se para futuros estudos a consideração de outras variáveis como a perspectiva temporal de futuro e a auto-estima.

Palavras-chave: Ordem de Nascimento, Desenvolvimento Vocacional, Maturidade Vocacional, Crenças Atribucionais de Carreira, 9.º ano de escolaridade.

Abstract

The family influence on career choice has been related to variables such as family configurations, particularly the number of children, order and spacing of births.

Based on the Adlerian theoretical perspective which suggests that children of different birth order develop distinguished levels of adjustment, personality traits and lifestyles, this study intends to be a contribution to the understanding of birth order and its relationship with vocational planning and exploration attitudes, with career decision-making attributional style and elaboration of vocational projects.

The participants in this study were 230 students from 9th grade of five different public schools, of Lisbon, Loures and Caldas da Rainha. In this study were applied the *Demographic Questionnaire*, the *Career Development Inventory* (CDI) e the *Career Attributions Scale* (CAS).

The results indicate that, despite being considered an important variable in career development, birth order alone does not appear to affect the way young people are preparing for vocational tasks, since there were no significant differences among the different sibling positions. Given the complexity of this variable it is suggested for future studies to consider other variables such as future time perspective and self-esteem.

Keywords: Birth Order, Vocational Behavior, Vocational Maturity, Career Attributional Beliefs, 9th grade.

Índice

| | |
|---|------------|
| Agradecimentos..... | i |
| Resumo..... | ii |
| Abstract..... | iii |
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo 1 – Enquadramento Teórico..... | 4 |
| 1.1 Desenvolvimento Vocacional na Adolescência..... | 4 |
| a) Maturidade Vocacional..... | 5 |
| b) Atribuições de Carreira..... | 6 |
| 1.2 A Família e a sua relação com o desenvolvimento vocacional..... | 9 |
| 1.3. Ordem de Nascimento..... | 12 |
| 1.3.1 Ordem de nascimento e personalidade..... | 12 |
| a) <i>Ser Filho Único na Família</i> | 13 |
| b) <i>O Primeiro Filho da Família</i> | 14 |
| c) <i>A experiência de ser o segundo filho da Família</i> | 16 |
| d) <i>Os Filhos do Meio</i> | 17 |
| e) <i>Ser o filho mais novo da Família</i> | 18 |
| 1.3.2 Ordem de nascimento e o desenvolvimento vocacional..... | 19 |
| Capítulo 2 – Método..... | 23 |
| 2.1. Instrumentos..... | 23 |
| a) <i>Questionário Demográfico</i> | 23 |
| b) <i>Inventário de Desenvolvimento Vocacional (CDI)</i> | 23 |
| c) <i>Escala de Atribuições para a Carreira (EAC)</i> | 25 |
| 2.2 Procedimento..... | 26 |

| | |
|--|-----------|
| a) Condições de Aplicação | 26 |
| b) Participantes | 26 |
| Capítulo 3 – Resultados..... | 30 |
| 3.1 Consistência interna dos instrumentos..... | 30 |
| a) <i>Inventário de Desenvolvimento Vocacional (CDI)</i> | 30 |
| b) <i>Escala de Atribuições para a Carreira (EAC)</i> | 30 |
| 3.2 Maturidade Vocacional e Crenças Atribucionais de Carreira e a Ordem de Nascimento..... | 31 |
| 3.3 Projectos Vocacionais..... | 35 |
| Capítulo 4 – Discussão e Conclusão..... | 41 |
| Referências Bibliográficas | 46 |
| Índice de Tabelas..... | 52 |
| Anexos..... | 53 |

Introdução

Ao transitar do ensino básico para o secundário, os adolescentes deparam-se com um momento particularmente importante do seu percurso académico, no qual têm que realizar uma tomada de decisão determinante para o seu futuro (Martins, 2010). Trata-se da escolha de uma área de estudos a seguir após a conclusão do 9.º ano de escolaridade, um momento desafiante e exigente para o jovem, repleto de incertezas, expectativas e dúvidas.

Ao longo dos últimos anos, têm sido produzidas grandes obras e artigos fundamentais para a Psicologia Vocacional, elaborados por autores como Donald Super (1990) e Holland (1973) que têm contribuído para o desenvolvimento de um quadro teórico explicativo dos processos inerentes à tomada de decisão de carreira. Existe uma preocupação real em compreender o desenvolvimento vocacional, nomeadamente, as variáveis envolvidas no processo de planeamento, exploração e tomada de decisão de carreira, tais como a *maturidade vocacional* (Super, 1983) e as *crenças atribucionais de carreira* (Weiner, 1989; Janeiro, 2011). As teorias vocacionais descrevem as crenças atribucionais como sendo um factor psicológico determinante para o desenvolvimento da maturidade e adaptabilidade vocacionais, pois à medida que reflecte sobre as experiências de carreira, o jovem desenvolve um determinado estilo atribucional relacionado com a tomada de decisão (Janeiro, 2011).

As pesquisas realizadas nos últimos anos, indicam que são inúmeras as variáveis que influenciam o desenvolvimento vocacional, nomeadamente, variáveis individuais e contextuais, cujo impacto no clima em que se processa a escolha é bastante relevante. Um dos contextos de vida mais importante para o jovem e que desempenha um papel fundamental ao nível do desenvolvimento de carreira é o contexto familiar (Magalhães, 2009). É no seio da família que o jovem inicia o seu processo de exploração vocacional,

desenvolvendo os seus interesses, expectativas e crenças relativamente ao futuro (Gonçalves, 1998). A forma como os jovens elaboram os seus projectos pessoais e profissionais está profundamente relacionada com o contexto familiar, nomeadamente em termos do tipo de apoio, abertura e de experiências de exploração veiculados pelos pais (Gonçalves, 1997).

A influência da família relativamente à escolha de carreira tem sido relacionada com variáveis como as alterações da composição do agregado familiar tradicional e a configuração da família, isto é, o número de filhos, a ordem e o espaçamento dos nascimentos (Pinto & Soares, 2001). A ordem de nascimento apresenta-se como uma influência social particularmente relevante na infância, pois é a partir desta que os indivíduos elaboram o seu estilo de vida, conceito basilar na teoria de Alfred Adler (Schultz & Schultz, 2002). Este autor analisou a ordem de nascimento como sendo um factor significativo do desenvolvimento da personalidade e definiu, em traços gerais, a personalidade correspondente a cada uma das principais posições na fratria.

Holland (1973) é também um autor de referência no que respeita à área de investigação sobre a ordem de nascimento. Este autor formulou a sua teoria a partir do construto teórico desenvolvido por Adler, sugerindo que a dinâmica familiar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade e, consequentemente, nos interesses profissionais e nas escolhas vocacionais dos indivíduos (Schultz & Schultz, 2002). Ser filho único, mais velho, do meio ou mais novo na família, e ter irmãos e/ou irmãs numa determinada combinação é uma variável de influência na construção de um estilo de vida e no planeamento da carreira, que deverá ser considerada na investigação sobre o desenvolvimento vocacional, bem como, no aconselhamento vocacional (Bradley, 1982).

As abordagens conceptuais produzidas nas últimas décadas vieram dar um novo rumo tanto à investigação como à prática relativa ao aconselhamento vocacional, no entanto, a relação entre a ordem de nascimento e as atitudes de planeamento, exploração e tomada de decisão, bem como, as crenças atribucionais relacionadas com a carreira não têm sido abordadas por muitas das teorias existentes.

Neste sentido, a presente dissertação objectiva perceber se existem diferenças entre as principais posições na fratria em termos de maturidade vocacional e do estilo atribucional de carreira, bem como, do grau de elaboração e do tipo de projectos vocacionais evidenciados pelos jovens.

Este trabalho está dividido em três partes: a primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico que abrange o desenvolvimento vocacional tendo em consideração a faixa etária estudada, a adolescência, bem como, a influência do contexto familiar na escolha de carreira, considerando a variável ordem de nascimento. A segunda parte apresenta a análise qualitativa dos dados recolhidos através do *Questionário Demográfico* e a análise quantitativa dos resultados obtidos através do *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* (CDI) e da *Escala de Atribuições de Carreira* (EAC). Na quarta parte discutem-se os resultados, apresentam-se as conclusões alcançadas, possíveis implicações práticas deste trabalho e aspectos a explorar em estudos futuros.

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

1.1 Desenvolvimento Vocacional na Adolescência

O desenvolvimento vocacional é um processo que ocorre ao longo da vida e que compreende a realização de tarefas como a elaboração, implementação e reformulação de projectos de vida, da qual fazem parte a educação, a qualificação e a actividade profissional (Gonçalves, 2006). O desenvolvimento vocacional contempla as tarefas características do percurso escolar que exigem a realização de tomadas de decisão, nomeadamente, a escolha de uma área de estudos, de uma carreira profissional e de um estilo de vida (Gonçalves, 1998). O desenvolvimento vocacional considera não só a influência que o indivíduo exerce no meio no qual está inserido, mas também, os aspectos socioculturais e físicos que caracterizam o mesmo (Whiston & Keller, 2004).

De acordo com Gonçalves e Coimbra (1998), a perspectiva construtivista, ecológica e desenvolvimentista, permite-nos compreender de uma forma mais ampla o desenvolvimento vocacional. O quadro teórico referido, sugere que os projectos vocacionais são elaborados de acordo com as oportunidades veiculadas pelos vários contextos de vida nos quais o jovem está inserido, isto é, tem em conta aspectos referentes à sua realidade económica, política e social e à teia de relações sociais e familiares que estabelece ao longo da sua vida.

Ao experimentar vários papéis e ao realizar uma série de actividades, o jovem tem a oportunidade de explorar diferentes possibilidades que irão influenciar a elaboração do seu projecto vocacional, reduzindo gradualmente a lista de opções, decidindo por uma área profissional que seja do seu interesse e compatível com as suas aptidões (Gonçalves, 1997).

De acordo com a perspectiva Adleriana, o meio no qual o jovem está inserido deve ser considerado no desenvolvimento de estratégias de apoio à elaboração do seu projecto de vida, potencializando, assim, um processo de orientação vocacional mais individualizado (Santos & Paixão, 1992). Neste sentido, os profissionais ligados à área de aconselhamento vocacional deverão organizar um tipo de intervenção centrada especificamente no processo de tomada de decisão capaz de responder às exigências relacionadas com a adaptabilidade à mudança e que tenha em consideração as influências contextuais na carreira, isto é, que contemple não só o papel desempenhado pelo jovem no desenvolvimento da carreira mas também os contextos de vida nos quais está inserido (Santos & Ferreira, 1998).

a) Maturidade Vocacional

O processo de tomada de decisão relativamente à escolha de carreira é muito complexo e está relacionado não só com factores familiares e sociais mas também, com a maturidade vocacional do jovem. Isto é, com a capacidade de enfrentar tarefas de desenvolvimento que advêm não só do próprio desenvolvimento social e biológico mas também das fases de tomada de decisão que a sociedade nos impõe (Janeiro, 2006).

A maturidade vocacional, conceito basilar da teoria de Donald Super (1983) sobre o desenvolvimento de carreira, compreende dimensões atitudinais e cognitivas. As dimensões atitudinais dizem respeito às atitudes de planeamento e exploração e as dimensões de carácter cognitivo englobam a informação sobre o mundo do trabalho e o processo de tomada de decisão (Powell & Luzzo, 1998).

A introdução de conceitos como a maturidade vocacional nas perspectivas desenvolvimentistas, permitiu que o aconselhamento de carreira fosse redefinido passando-se a atribuir maior importância ao desenvolvimento das atitudes e

competências necessárias para lidar eficazmente com as tarefas de desenvolvimento que vão surgindo ao longo da vida (Janeiro, 2006). De acordo com Powell e Luzzo (1998), os jovens que apresentam níveis de maturidade vocacional elevados tendem a desenvolver uma carreira de sucesso, pois investem no seu processo de tomada de decisão, analisam as diferentes alternativas disponíveis e reflectem sobre o presente considerando os objectivos que pretendem alcançar no futuro.

O conhecimento das diferentes alternativas existentes no sistema de ensino constitui, efectivamente, uma das ferramentas essenciais ao processo de tomada de decisão. No entanto, muitas vezes é difícil para um adolescente ter acesso a toda a informação necessária sobre o sistema educativo, sobre o mundo do trabalho e até mesmo, sobre si próprio (Dias, 2005). Através dos programas de orientação vocacional, o jovem poderá obter informação a vários níveis, quer sobre a situação do mercado de trabalho, das áreas de estudo a seguir após a conclusão do 9.º ano de escolaridade, quer sobre os seus interesses e aptidões. Para além de fornecer informação, o psicólogo poderá também ajudar os alunos a compreenderem as variáveis que influenciam o seu desenvolvimento vocacional, através da análise da configuração e dinâmica familiares.

A avaliação dos jovens relativamente às atitudes de planeamento, exploração e tomada de decisão permitirá que os serviços de orientação vocacional das escolas desenvolvam programas que facilitem a aquisição de estratégias e competências que potenciem o aumento da maturidade vocacional (Powell & Luzzo, 1998).

b) Atribuições de Carreira

O ser humano procura compreender as causas dos acontecimentos da sua vida, o que o leva a consolidar no seu reportório cognitivo, determinadas justificações para o sucesso ou insucesso dos mesmos. As causas que atribui aos acontecimentos diários,

afectam o modo como o indivíduo percepciona as suas expectativas de realização e os seus desempenhos nas mais variadas tarefas (Pocinho, Almeida, Ramos, Correia, Rodrigues & Correia, 2007).

Weiner (1986), desenvolveu um modelo de atribuições causais aplicado a situações de realização, através do qual sugere que as causas que os indivíduos atribuem às suas realizações positivas e negativas têm por base três dimensões. A primeira denomina-se *locus de causalidade* que se refere a atribuições de tipo interno, relacionadas com questões intencionais, nomeadamente o empenho do indivíduo numa determinada tarefa, ou a atribuições de tipo externo e, portanto, exteriores ao indivíduo, como a ajuda dos outros e a dificuldade ou facilidade em realizar uma determinada tarefa (Janeiro, 2008). A segunda dimensão designa-se por *estabilidade* que distingue as causas percebidas como estáveis no tempo das causas instáveis. E, por fim, a terceira dimensão denominada por *controlabilidade*, segundo a qual as atribuições podem ser percepcionadas como dependendo da vontade do próprio indivíduo (controláveis) ou independentes da vontade pessoal (incontroláveis). Por exemplo, “o esforço é considerado como uma atribuição interna controlável; já as aptidões ou capacidades são percepcionadas como não controláveis, uma vez que estão para além da vontade pessoal” (Janeiro, 2011, p.6). Deste modo, um aluno que obtém sucesso na realização de uma determinada tarefa tende a atribuir o seu esforço como sendo a causa para os resultados conseguidos, enquanto que, o aluno que fracassou poderá atribuir o resultado obtido a factores externos como a sorte, a má explicação do professor, entre outras.

Luzzo e Jenkins-Smith (citados por Janeiro, 2008, p.7) partindo da teoria atribucional da motivação e emoção de Weiner (1986), apresentaram um modelo atribucional relacionado com a tomada de decisão de carreira através do qual sugerem, que os indivíduos constroem explicações causais para as situações de natureza

vocacional, tal como fazem para as restantes situações de vida. Ao reflectir acerca das experiências de carreira, o indivíduo desenvolve um determinado estilo atribucional relacionado com a tomada de decisão na carreira. Este estilo poderá ser optimista isto é, definido por atribuições internas, controláveis e instáveis, ou pessimista, definido por atribuições externas, não controláveis e estáveis (Janeiro, 2011).

Assim, os indivíduos que atribuem a tomada de decisão a causas internas, controláveis e instáveis, acreditam que as escolhas de carreira estão dependentes de factores internos que podem ser controlados mas que podem alterar-se ao longo do tempo. Por isso, acreditam que as suas realizações de sucesso referentes à carreira devem-se ao seu empenho e dedicação ao trabalho (Powell & Luzzo, 1998). Por outro lado, aqueles que atribuem as decisões de carreira a causas externas, incontroláveis e estáveis acreditam que estas devem-se a factores externos que ultrapassam o controlo do indivíduo e que se mantêm ao longo do tempo. Deste modo, tendem a assumir que o seu esforço e empenho não são relevantes nas tomadas de decisão de carreira (Powell & Luzzo, 1998).

Neste processo de atribuição, devemos considerar aspectos como a auto-estima, as diferenças de género, as influências contextuais e as expectativas pessoais e dos outros acerca do desempenho do aluno em determinada tarefa. A forma como o jovem percebe o controlo que exerce sobre o seu sucesso na carreira, influência directamente a sua percepção sobre o futuro, sendo este um factor determinante no processo de planeamento e exploração vocacionais (Janeiro, 2011).

A adopção de uma atitude passiva por parte do jovem perante as fases de exploração e planeamento vocacionais poderá constituir um factor de risco para o seu desenvolvimento pessoal e vocacional, sendo por isso fundamental elaborar um tipo de

intervenção de aconselhamento de carreira que apoie o jovem nesta fase tão importante da sua vida (Janeiro & Ferreira Marques, 2010).

1.2 A Família e a sua relação com o desenvolvimento vocacional

Ao longo das últimas décadas, surgiram estudos que se debruçaram sobre a relação entre variáveis familiares e o processo de tomada de decisão de carreira. Destacam-se os estudos de variáveis familiares de carácter estrutural, isto é, que dizem respeito ao estatuto sócio-económico da família e ao seu meio étnico de origem (Whiston & Keller, 2004), bem como, a configuração familiar e a ordem de nascimento partindo da teoria de Adler (Leong, Hartung, Goh & Gaylor, 2001) e de carácter processual, como a interacção entre pais e filhos (Paladino & Blustein, 1994) e as intervenções no âmbito do aconselhamento de carreira (Bradley & Mims, 1992).

Há cerca de cinquenta anos, Super (1957) concluiu que variáveis como as atitudes e as relações interpessoais entre os elementos da família influenciam a escolha da carreira, bem como, as fases de planeamento e exploração da mesma. Anne Roe (citado por Gonçalves, 2006, p. 5) tomou como base do seu modelo teórico a influência da família relativamente à elaboração dos projectos vocacionais dos jovens e colocou os pais e os padrões familiares no centro do processo de desenvolvimento da carreira dos filhos. Mais tarde, nos anos noventa, Roe e Lunneborg (citados por Hartung, Lewis, May & Niles, 2002, p.78) concluíram que existe, efectivamente, uma relação entre as atitudes parentais e as escolhas de carreira dos filhos. No entanto, a natureza exacta do contributo da família ao nível dos processos de tomada de decisão de carreira está ainda por esclarecer (Hargrove, Creagh & Burgess, 2002).

Kotrlik e Harrison (1989) realizaram uma pesquisa com alunos do ensino secundário através da qual procuraram saber quem é que tinha influenciado o processo

de tomada de decisão na escolha de carreira: 69% da amostra referiu a mãe, 59% o pai, 45% os avós, tios ou outros familiares e 38% referiram os irmãos. Schultheiss, Kress, Manzi e Glasscock (2001) realizaram um estudo acerca da influência da família na exploração vocacional e na tomada de decisão dos jovens utilizando uma metodologia qualitativa. Neste estudo, foi solicitado aos jovens que descrevessem de que forma é que os pais e os irmãos tinham influenciado o processo de exploração vocacional e tomada de decisão. Os jovens referiram, por ordem de importância, que a mãe, o pai e os irmãos tinham desempenhado um papel decisivo na exploração dos seus projectos vocacionais.

Alguns jovens referiram que para além dos pais, os amigos, os professores, alguns membros da família alargada e os vizinhos, também tinham desempenhado papel fundamental na exploração dos seus projectos vocacionais, através de conversas informais sobre a carreira, bem como, da disponibilização de materiais educativos necessários para a realização da escolha de uma área de estudos.

O apoio parental tem sido identificado como uma variável determinante no processo de tomada de decisão, desde a fase de planeamento à fase de execução. A família poderá assumir-se como fonte de apoio/suporte da escolha do jovem ou como barreira a esta etapa decisiva da vida do jovem (Pinto & Soares, 2001). Existem contextos onde a família, efectivamente, promove a vivência de uma série de experiências que permitem aos jovens investir no seu processo de orientação vocacional, no entanto, existem outros onde este apoio não se verifica.

O ambiente familiar é um factor facilitador do desenvolvimento vocacional apenas quando apoia o jovem nas fases de transição e tomada de decisão, promovendo a sua autonomia (Gonçalves, 1998). Quando se trata de contextos familiares extremamente competitivos e negligentes, a família pode dificultar o processo de tomada de decisão (Gonçalves, 1998). É mediante o tipo de abertura, desafio, apoio,

oportunidades, recursos e experiências proporcionadas pelo contexto familiar aos adolescentes que dependerá a qualidade do desenvolvimento vocacional.

“A família, como uma rede complexa de relações, emoções, projectos, expectativas, mitos e valores tende a transmitir estes padrões de cultura familiar para os vários elementos do sistema” (Gonçalves, 1997, p. 82). Neste sentido, os pais representam uma influência social significativa sobre os interesses, os planos, as crenças no futuro, os valores e os objectivos dos seus filhos e são também referências relativamente à resolução de problemas das tarefas que caracterizam as diferentes etapas do desenvolvimento (Nurmi, 1989).

Para além da influência parental, é de salientar que a dinâmica entre irmãos, particularmente, a diferenças de idades, constitui uma variável relevante para o desenvolvimento vocacional. Esta não é ainda uma variável do desenvolvimento vocacional que esteja suficientemente clarificada e estudada, no entanto, existem já algumas directrizes. De acordo com Bradley (1982), quanto maior for a diferença de idades entre os irmãos, menor será a influência entre estes. Uma diferença muito grande de idades, nomeadamente, 10 a 12 anos ou mais, entre o primeiro e o segundo filho da família leva a que os filhos se comportem como se fossem dois irmãos mais velhos, pois o segundo filho terá menos características de um irmão mais novo e mais características de um irmão mais velho. Por outro lado, os irmãos que têm uma diferença de idades entre 1 a 4 anos parecem exercer um maior grau de influência no desenvolvimento de ambos.

Podemos concluir que, a família desempenha um papel fundamental na formação dos projectos vocacionais dos adolescentes, pois é no seio familiar que o jovem constrói a sua identidade, desenvolvendo os seus valores e interesses, onde ocorrem as primeiras aprendizagens e onde lhe são transmitidos os valores que vigoram

na sociedade (Gonçalves, 1998; Lopes, 2010). As expectativas, as crenças e as atitudes que os pais manifestam relativamente ao futuro dos seus filhos constituem o tipo de influência que caracteriza o contexto familiar relativamente ao desenvolvimento vocacional dos adolescentes (Hartung, Lewis, May & Niles, 2002). Herr & Lear (citados por Leong, Hartung, Goh & Gaylor, 2001, p.26) sustentam que a dinâmica familiar e as experiências vividas no seio da família são também variáveis relevantes e devem por isso ser consideradas no estudo do desenvolvimento vocacional.

1.1 Ordem de Nascimento

1.1.1 Ordem de nascimento e personalidade

O interesse pela compreensão da relação entre a ordem de nascimento e o comportamento humano não é um tema exclusivo da actualidade. Há mais de cem anos que se procura compreender a relação existente entre a ordem de nascimento e variáveis como a inteligência, interesses profissionais, desempenho académico, atitudes, traços de personalidade e doença mental (Gandy, 1974; Bradley, 1982).

No campo da investigação da ordem de nascimento, destaca-se Alfred Adler (1953) pois foi o primeiro teórico a sugerir a ordem de nascimento como uma das variáveis de influência do comportamento e da personalidade. De acordo com a perspectiva Adleriana, a personalidade do filho único, mais velho, do meio e mais novo numa determinada família tendem a ser muito diferentes, no entanto, esta diferença não reside na posição que o jovem ocupa na família mas sim no tipo de experiências que vivencia enquanto membro deste grupo social (Hall, Lindzey & Campbell, 2000). Embora os irmãos tenham os mesmos pais e vivam na mesma casa, os ambientes sociais nos quais estão inseridos não são idênticos. Ser o filho mais velho, do meio ou mais novo da família implica que o jovem esteja exposto a atitudes dos pais diferentes das

dos restantes irmãos, o que cria condições de crescimento diferentes (Schultz & Schultz, 2002), desenvolvendo por isso níveis de adaptação, traços de personalidades e estilos de vida distintos (Carver & Scheier, 1996).

Adler (citado Feist & Feist, 2008) designou por estilo de vida o desenvolvimento de uma estrutura ou padrão de características e opções de vida, que orienta o comportamento do indivíduo. A elaboração do estilo de vida está dependente da interacção do indivíduo com os contextos sociais, particularmente com os pais, bem como, da sua ordem de nascimento, estando associado à escolha de actividades, de redes e modalidades de relação e de papéis de vida. Esta noção de plano ou estilo de vida constitui um conceito nuclear na obra de Alfred Adler, tanto em termos conceptuais, como em termos de estratégias de intervenção (Santos & Paixão, 1992).

a) Ser Filho Único na Família

Nos últimos anos, temos vindo a assistir a uma mudança ao nível da estrutura familiar, nomeadamente, no que diz respeito ao aumento do número de famílias que têm apenas um filho. Tavares, Fuchs, Diligenti, Pinto de Abreu, Rohde e Fuchs (2004) sugerem, tendo em consideração a literatura analisada, que a ausência de irmãos e a maior convivência com adultos podem interferir no desenvolvimento intelectual, da personalidade e na adaptação a contextos sociais das crianças que não têm irmãos.

De acordo com Weiten (citado por Tavares, et al., 2004, p.18), acredita-se que o filho único recebe mais atenção por parte dos pais, que amadurecem precocemente e, que por não terem irmãos, tendem a tornar-se mais egoístas, exigentes e dependentes dos outros comparativamente às crianças com irmãos.

Algumas pesquisas chegaram à conclusão de que os filhos únicos apresentam algumas limitações relativamente ao desenvolvimento de competências sócio-

emocionais, maior incidência de comportamentos problemáticos e uma maior taxa de intervenções terapêuticas na infância (Eckstein, citado por Magalhães, 2009, p.2). No entanto, segundo Brophy (citado por Tavares et al., 2004, p.18) o facto de uma criança não ter irmãos não determina que esta venha a desenvolver problemas relacionados com a personalidade, antes pelo contrário, podem beneficiar pelo facto de não terem irmãos, nomeadamente no que se refere ao desempenho académico e ao sucesso profissional. Os filhos únicos parecem ter tantos amigos quanto as crianças que têm irmãos, tendem a exibir traços de personalidade semelhantes aos filhos mais velhos e parecem ter um nível de auto-estima mais elevado do que as crianças com irmãos (Mellor, citado por Tavares et al. 2004, p.18).

De acordo com Feist e Feist (2008), os filhos únicos tendem a enfrentar dificuldades quando descobrem que, em contextos sociais como a escola, não são o centro das atenções. Se as suas capacidades não lhes trouxerem reconhecimento e atenção suficientes, os filhos únicos sentem-se profundamente desapontados.

b) O primeiro filho da Família

De acordo com a perspectiva Adleriana, o primeiro filho da família ocupa uma posição de destaque e, por isso, recebe muita atenção por parte dos pais o que o leva a sentir-se seguro e feliz. Os pais dedicam-lhe tempo e atenção consideráveis, transmitindo-lhe expectativas elevadas que irão motivar a criança para o sucesso e realização pessoal. Esta atitude parental pode motivar a criança a empenhar-se nos estudos e a alcançar bons resultados (Craver & Scheier, 1996) ou a experienciar níveis de ansiedade acentuados quando percebe que poderá não corresponder às expectativas dos pais (Magalhães, 2009).

Após o nascimento do segundo filho da família, o filho mais velho experiencia aquilo que Adler designa por “destronamento”, isto é, a mudança da sua posição da

família, cujo impacto dependerá da forma como é vivida e percebida pelo indivíduo a chegada de um novo membro à família (Feist & Feist, 2008), bem como, da diferença de idades entre os irmãos: quanto mais velho for o primeiro filho menor será o impacto negativo causado pelo nascimento do segundo filho da família (Schultz & Schultz, 2002). Se o filho mais velho tem 3 ou mais anos aquando do nascimento do irmão, então tenderá a incorporar o “destronamento” tendo em consideração o estilo de vida previamente estabelecido. Caso tenha desenvolvido um estilo de vida autocentrado, provavelmente manifestará hostilidade e ressentimento em relação ao irmão mais novo, por outro lado, se tiver desenvolvido um estilo cooperativo, acabará por adoptar essa mesma atitude para com o irmão (Feist & Feist, 2008).

Os pais tendem a exercer um maior controlo sobre o filho mais velho, atitude que parece estar relacionada não só com o nível de responsabilidade, sentimentos de superioridade e uma postura superprotectora em relação aos outros, mas também com o nível de auto-estima que geralmente é mais elevado nos filhos mais velhos (Bradley, 1982).

O facto de os irmãos mais velhos serem os primeiros filhos a surgirem na família faz com que a, nível vocacional, tenham um leque mais variado de opções reduzindo as alternativas dos irmãos mais novos. Isto acontece devido à forma como a nossa sociedade está organizada e pelo facto de ser democrática e competitiva. As crianças crescem em constante comparação com os pares e com os irmãos, e tendem a mover-se na direcção em que os outros falham, ou encontram dificuldades, e evitam actividades nas quais os colegas e os irmãos obtêm sucesso. Isto é, se o filho mais velho é dedicado e empenha-se para ter bons resultados na escola, os irmãos mais novos provavelmente não terão tanto interesse pelos estudos e poderão dedicar-se então a actividades onde o irmão mais velho não obteve sucesso (Magalhães, 2009).

Os filhos mais velhos geralmente desempenham cargos profissionais que evidenciam poder e prestígio (Craver & Scheier, 1996), e destacam-se por exemplo, como vencedores de prémios Nobel, compositores clássicos e psicólogos de grande influência no meio (Magalhães, 2009).

Os filhos mais velhos tendem a comportar-se de acordo com os padrões de aqueles que os rodeiam, particularmente dos pais e, geralmente, são pessoas que se empenham em manter a ordem e a autoridade, são bons organizadores e muito exigentes relativamente aos detalhes, assumindo uma atitude autoritária e conservadora. São tendencialmente mais voltados para o passado, pessimistas em relação ao futuro do que os restantes irmãos (Schultz & Schultz, 2002).

c) A experiência de ser o segundo filho da Família

A relação existente entre a experiência de ser o segundo filho na família e a escolha de carreira não é tão clara como a do filho mais velho, no entanto, as pesquisas realizadas nos últimos anos permitem-nos retirar algumas conclusões que nos ajudam a compreender a relação entre a experiência de ser o segundo filho da família e o desenvolvimento vocacional.

O segundo filho quando nasce está numa posição propícia para desenvolver competências de cooperação e interesse social (Feist & Feist, 2008) e procura alcançar o irmão mais velho, empenhando-se em afirmar o seu lugar na família, estimulando um desenvolvimento mais rápido do que o primogénito apresentou. Este aspecto verifica-se particularmente ao nível do desenvolvimento da linguagem e do desenvolvimento motor (Schultz & Schultz, 2002).

O segundo filho procura ter sucesso nas áreas em que o irmão mais velho falhou, isto é, tende a elaborar projectos vocacionais diferentes dos irmãos mais velhos (Magalhães, 2009). No entanto, a tentativa de superar o irmão mais velho não é tarefa

fácil pois porque sendo mais velho está sempre um passo à frente dos restantes irmãos (Bradley, 1982). Se o irmão mais velho teve maior sucesso no desporto ou nos estudos, por exemplo, o segundo filho poderá sentir que nunca será bem sucedido neste tipo de tarefas e pode até desistir de realizá-las (Schultz & Schultz, 2002).

O segundo filho da família caracteriza-se por ser ambicioso e tende a exigir a atenção e reconhecimento dos pais através da originalidade e da rebeldia, no entanto, geralmente está mais ajustado do que irmão mais velho ou do que o irmão mais novo. Este facto deve-se à atitude parental, pois os pais tendem a estar menos preocupados e ansiosos relativamente ao comportamento do segundo filho do que com o filho mais velho (Schultz & Schultz, 2002).

d) Os Filhos do Meio

Socialmente, existe um estereótipo relativamente aos filhos do meio e que está associado à negligência parental, isto é, acredita-se que o filho do meio não recebe tanta atenção por parte dos pais como os restantes irmãos (Magalhães, 2008). Este estereótipo parece ter algum fundamento, pois segundo Eckstein (citado por Magalhães, 2009, p.3) os filhos do meio nunca esperam uma atenção parental completa, pois sabem que têm que dividi-la tanto com os irmãos mais velhos como com os irmãos mais novos.

Tendo em consideração a posição que ocupam na família, os filhos do meio, tendem a desenvolver competências de negociação e partilha e a serem mais despreocupados e extrovertidos, comparativamente aos filhos mais velhos, que por sua vez são mais ambiciosos e rígidos (Ernst & Angst, citados por Magalhães, 2009, p.2).

Segundo a investigação realizada por Hutz e Bardagir (2006), que estudaram a influência dos estilos parentais percebidos sobre os níveis de indecisão profissional, ansiedade e depressão de adolescentes, os filhos únicos e os filhos do meio apresentam um maior nível de indecisão se comparados com os filhos mais velhos e mais novos.

Este facto poderá estar relacionado com a reacção dos filhos do meio relativamente à comparação com os irmãos mais velhos. Desta forma, poderão sentir-se mais pressionados a superar os irmãos mais velhos nas áreas em que estes fracassaram ou a atingir resultados semelhantes nas áreas em que os irmãos mais velhos foram bem sucedidos.

e) Ser o filho mais novo da Família

Os filhos mais novos são tendencialmente mais capazes de estabelecer o seu ritmo de desenvolvimento e aprendizagem sem sofrerem as pressões parentais que na maioria das famílias são dispensadas aos filhos mais velhos (Eckstein, por Magalhães, 2009, p.3). O facto de serem os membros mais novos da família e, por isso, interagirem constantemente com os restantes irmãos, permite que desenvolvam competências pessoais e sociais (Magalhães, 2009). No entanto, os filhos mais novos tendem a não receber tanto reconhecimento pelas suas realizações comparativamente aos restantes irmãos e, por isso, podem vir a desistir de agradar as figuras de autoridade.

Os filhos mais novos, tendem a ser mais revolucionários e inovadores que os restantes irmãos, facto comprovado pelo estudo desenvolvido por Sulloway (citado por Magalhães, 2009, p.205) que concluiu que foram filhos mais novos que lideraram 23 das 28 revoluções científicas nos últimos 300 anos. Os jovens que se encontram nesta posição da fratria tendem a ser os melhores músicos, os atletas mais ágeis ou os estudantes mais ambiciosos pois são incentivados a superar os irmãos mais velhos (Feist & Feist, 2008).

1.3.2 Ordem de nascimento e o desenvolvimento vocacional

O desenvolvimento vocacional apresenta-se como uma estrutura multidimensional, por isso, quando pretendemos analisá-lo e compreendê-lo devemos

ter em consideração as suas diferentes dimensões. A ordem de nascimento é apenas uma das várias dimensões que compõem o desenvolvimento vocacional e relaciona-se não só com a escolha de carreira mas também com o próprio processo de planeamento e exploração vocacionais (Bradley, 1982).

Poucos estudos procuraram investigar a relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais (Magalhães, 2008), no entanto, as pesquisas realizadas acerca das diferenças de personalidade entre filhos mais velhos e mais novos, permitiu identificar dados relevantes nesta área, nomeadamente, que os filhos mais velhos preferem actividades que envolvem tarefas de controlo e supervisão de outras pessoas, enquanto que os filhos mais novos tendem a preferir actividades que requerem uma atitude sociável, comunicativa e empática para com os outros (Stotland & Walsh, citados por Gandy, 1974, p. 281).

Savickas (citado por Leong, Hartung, Goh e Gaylor, 2001, p.26) sugere que a ordem de nascimento influencia significativamente o estilo de carreira, que por sua vez, poderá determinar o desenvolvimento dos interesses ocupacionais.

Leong e colaboradores (2001), analisaram a relação entre a ordem de nascimento e os interesses vocacionais tendo em consideração o modelo desenvolvido por Holland (1973). Esta pesquisa, realizada com estudantes de medicina, permitiu-lhes concluir que efectivamente existem diferenças entre os interesses vocacionais das principais posições na fratria: os filhos mais novos possuem interesses artísticos e realistas mais elevados do que os filhos mais velhos e os filhos únicos apresentam maior interesse investigativo do que os restantes. Esta preferência poderá estar relacionada com o facto de os pais encorajarem tantos os filhos únicos como os filhos mais velhos a investirem em carreiras tradicionais e com maior prestígio social.

Relativamente aos filhos mais novos, Craver e Scheier (1996), sugerem que estes tendem a distanciar-se das tradições familiares em termos profissionais investindo em profissões de área diferentes. Por exemplo, se o pai e o irmão mais velho forem advogados, o filho mais novo poderá ingressar pela área da música, por exemplo. As crianças mais novas da família tendem a fazer uma escolha de carreira mais ousada do que os irmãos mais velhos, optando por áreas como o desporto, particularmente, a prática de desportos radicais ou por áreas ligadas às artes e ao espectáculo (Magalhães, 2009).

De acordo com o estudo realizado por Leong e colaboradores (2001), no qual foram analisados os efeitos de ser filho único, filho mais velho e filho mais novo na família, em duas amostras diferentes, os filhos mais novos parecem estar mais interessados em áreas como a agricultura e o atletismo comparativamente aos filhos únicos.

Magalhães (2008) estudou a relação entre a ordem de nascimento e os interesses vocacionais com uma amostra de 435 estudantes universitários, dos quais 196 eram do sexo masculino e 239 do sexo feminino. Os resultados deste estudo revelaram que os filhos únicos têm maior interesse pelas áreas ligadas à investigação científica comparativamente aos filhos do meio, e ao contrário dos filhos mais velhos, apresentam menor interesse por actividades que necessitam de uma atitude empreendedora. Os filhos do meio revelaram mais interesse pela área social do que os filhos únicos e filhos mais velhos.

Bryant, (1987) sugere que os filhos mais velhos tendem a preferir actividades relacionadas com as áreas de gestão e economia, as quais exigem competências de liderança e onde a ambição é valorizada e interessam-se por profissões como as de professor e médico. Por outro lado, os filhos do meio optam por áreas criativas e sociais

e os filhos mais novos demonstram interesses pela prática de negócios e por áreas onde a criatividade, a espontaneidade e as competências sociais são valorizadas. Os filhos únicos preferem áreas como as ciências e a gestão, bem como, as tecnologias (White et al., 1997).

As conclusões dos estudos referidos vêm reforçar a teoria desenvolvida por Adler (citado por Schultz & Schultz, 2002) que defende, que os filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos desenvolvem interesses vocacionais distintos.

Estes temas têm motivado o surgimento de novas reflexões no campo do aconselhamento de carreira, onde o impacto dos desafios da actualidade já se começa a fazer sentir (Carvalho & Taveira, 2009).

É de salientar a obra de Watkins que de acordo com Santos (1996) representa um contributo fundamental para o processo de transferência do modelo de personalidade e do comportamento de Adler para o campo do aconselhamento vocacional. O contributo de Watkins abriu caminho a novos estudos ao evidenciar a importância de variáveis como as percepções do jovem relativamente aos seus irmãos e ao grupo de pares, ao nível das relações entre estes e a construção de um estilo de vida e na definição de objectivos vocacionais. Segundo Santos (1996), o trabalho de autores como Watkins contribui para a elaboração de um modelo compreensivo da escolha de carreira integrada numa perspectiva global do desenvolvimento da personalidade.

Podemos concluir então que a família, nomeadamente, a ordem de nascimento cria um contexto particular em termos interaccionais que irá afectar a percepção do jovem enquanto trabalhador, a adopção de comportamentos relativos ao mundo do trabalho e o estilo de relação interpessoal que irá adoptar no contexto profissional. As experiências vividas na infância e a situação familiar na qual o jovem se encontra irão influenciar a forma como este encara o mundo do trabalho.

Considerando que a ordem de nascimento desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade, que, por sua vez, está relacionado com a escolha de carreira, White e colaboradores (1997) sugerem que possa existir uma relação entre a posição na fratria e o desenvolvimento vocacional, nomeadamente no que diz respeito aos interesses profissionais. Por outro lado, Janeiro (2011, p.6), refere que “apesar de a literatura referenciar a importância das crenças atribucionais para o desenvolvimento vocacional, estas têm tido uma aplicabilidade modesta na intervenção vocacional”, não se verificando a existência de estudos que relacionem este conceito com a posição na fratria.

Neste sentido, e tendo como objectivo contribuir para o quadro teórico explicativo do efeito da ordem de nascimento no desenvolvimento vocacional pretende-se então perceber de que forma é que a posição na fratria se relaciona com as atitudes de planeamento e exploração vocacionais, com o estilo atribucional de carreira dos jovens, bem como, com os seus interesses profissionais.

O estudo procura responder às seguintes questões:

- a) Até que ponto existem diferenças significativas ao nível da maturidade vocacional e de crenças atribucionais de carreira entre os filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos?
- b) Se filhos de ordens de nascimento diferentes desenvolvem projectos vocacionais distintos (Adler, citado por Schultz & Schultz, 2002), haverá diferenças ao nível do grau de elaboração e especificação de projectos vocacionais, bem como, dos interesses profissionais entre as principais posições na fratria?

Capítulo 2 – Método

Este capítulo apresenta as características dos instrumentos e as condições de aplicação dos mesmos. Faz o enquadramento dos participantes, apresentando a amostra e as suas especificidades.

2.1. Instrumentos

Neste estudo foram utilizados três instrumentos, o *Questionário Demográfico*, o *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* (CDI) e a *Escala de Atribuições para a Carreira* (EAC).

a) *Questionário Demográfico*

O *Questionário Demográfico*, especialmente elaborado para este estudo, possibilita a recolha de dados pessoais e escolares, bem como, aspectos relacionados com a estrutura familiar dos participantes. Apresenta uma estrutura simples e de rápido preenchimento e está dividido em duas partes: a primeira solicita informação de carácter pessoal como a idade, o sexo, a escola que frequenta, a identificação da posição na fratria (filho único, mais velho, do meio ou mais novo), bem como, a recolha de informação acerca do número de irmãos dos participantes, a idade e o sexo dos mesmos. A segunda parte apresenta duas questões de resposta aberta acerca dos projectos pessoais e profissionais dos participantes.

b) *Inventário de Desenvolvimento Vocacional*

Para introduzir neste estudo a variável maturidade vocacional, que considera entre outras dimensões as atitudes de exploração e planeamento de carreira foi utilizado o *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* (CDI) desenvolvido com base na teoria de Donald Super (1983; 1990).

O CDI permite avaliar a maturidade vocacional, e está organizado em quatro escalas: a escala A. Planeamento da Carreira, a escala B. Exploração da Carreira (escalas atitudinais), a escala C. Tomada de decisão e a escala D. Informação sobre a carreira e o mundo do trabalho (escalas cognitivas). Para a realização do presente estudo, foram utilizadas apenas as duas primeiras escalas da versão do CDI adoptada, revista e aferida para a população portuguesa (Marques & Caeiro, citados por Janeiro, 2006, p. 198).

A escala A. Planeamento da Carreira é constituída por 19 itens agrupados em duas subescalas: A1. Planeamento de Carreira Geral que tem como objectivo avaliar até que ponto é que o jovem tomou consciência da necessidade de tomar decisões e qual o grau de envolvimento no planeamento da carreira e A2. Conhecimento da Profissão Preferida, que estima a auto-avaliação que o jovem faz sobre o conhecimento que tem acerca da sua profissão preferida. A escala B. Exploração da Carreira é composta por 18 itens agrupados em duas subescalas: B1. Percepção de Utilidade das Fontes de Informação B2. Recurso a Fontes de Informação que solicita ao jovem uma avaliação da utilidade de diferentes fontes de informação (tais como, os pais, professores, psicólogo da escola, entre outras), bem como, do tipo de informação recolhida junto das mesmas (Janeiro, 2006).

Relativamente aos coeficientes de precisão, as escalas de atitudes registam índices de precisão mais elevados comparativamente às restantes escalas *do Inventário de Desenvolvimento Vocacional* (Afonso, citado por Janeiro, 2006). No entanto é de referir que, de acordo com o estudo desenvolvido por Janeiro (2006), os índices de precisão obtidos para a escala de Planeamento de Carreira ($\alpha=0.88$) foram consideravelmente superiores aos da escala de Exploração de Carreira ($\alpha=0.75$).

c) *EAC*

A *Escala de Atribuições para a Carreira* (EAC) (Janeiro, 2006) foi escolhida para este estudo, pois permite avaliar as crenças atribucionais relacionadas com a carreira. A EAC foi construída a partir dos resultados obtidos num estudo prévio acerca da relação entre as atribuições e as expectativas atribucionais de carreira (Janeiro, 2006). A EAC é constituída por 22 itens organizados em duas escalas principais, a escala de atribuições internas (11 itens) e a escala de atribuições externas (11 itens). Cada uma destas duas escalas subdivide-se em três subescalas relacionadas com o sucesso, fracasso e tomada de decisão, perfazendo um total de seis subescalas: atribuições internas relacionadas com o sucesso (4 itens), atribuições internas relacionadas com o fracasso (4 itens), tomada de decisão de tipo interno (3 itens), atribuições externas relacionadas com o sucesso (4 itens), atribuições externas relacionadas com o fracasso (4 itens) e tomada de decisão de tipo externo (3 itens) (Janeiro, 2008; 2011). Para responderem os participantes devem indicar numa escala de 7 pontos o seu grau de concordância com cada uma das frases propostas.

Quanto aos coeficientes de precisão, de acordo com o estudo desenvolvido por Janeiro (2011) que analisou as características psicométricas e as capacidades discriminativas da EAC, registam-se índices de precisão semelhantes para as escalas de Causalidade Interna ($\alpha=0.70$) e Causalidade Externa ($\alpha=0.73$). É de salientar que a subescala de crenças atribucionais internas relacionadas com o fracasso registou individualmente um coeficiente de 0.70.

2.2 Procedimento

a) Condições de Aplicação

Numa fase inicial, procedeu-se ao contacto com o serviço de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME), ao qual foi pedida autorização para a realização da aplicação dos instrumentos nas escolas. Após o consentimento e autorização do MIME (Anexo 1), contactou-se através do correio electrónico e/ou do contacto telefónico os Conselhos Directivos, bem como, os Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) das diferentes escolas. Tendo sido autorizada a aplicação dos instrumentos junto dos alunos, procedeu-se à calendarização da mesma.

As aplicações foram realizadas entre os meses de Outubro e Maio, inseridas nas actividades do Programa de Orientação de Carreira do SPO das diferentes escolas e tiveram uma duração aproximada de quarenta e cinco minutos. Todos os participantes foram informados das condições de anonimato e de confidencialidade dos dados obtidos.

Os instrumentos foram apresentados pela seguinte ordem: *Questionário Demográfico, Inventário de Desenvolvimento Vocacional e Escala de Atribuições para a Carreira*.

b) Participantes

Neste estudo participaram 230 alunos do 9.º ano de escolaridade do 3.º Ciclo do Ensino Básico, de cinco estabelecimentos públicos de ensino: 40 da Escola Básica Integrada Patrício Prazeres (17,4%), 45 da E.B. 2, 3 Fernando Pessoa (19,6%) e 80 da Escola Secundária Rainha Dona Leonor (34,8%), pertencentes ao Concelho de Lisboa. Participaram ainda 12 alunos da Escola Básica Integrada da Apelação (5,2%), pertencente ao Concelho de Loures e 53 alunos da Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro (23%), do Concelho das Caldas da Rainha (Tabela 2.1).

Tabela 2.1. Distribuição dos participantes por escolas

| | N | % |
|--|-----|------|
| EB 2,3 da Apelação | 12 | 5,2 |
| EB integrada Patrício Prazeres | 40 | 17,4 |
| EB 2,3 Fernando Pessoa | 45 | 19,6 |
| Escola Sec. Rafael Bordalo Pinheiro | 53 | 23 |
| Escola Sec. c/ 3.º Ciclo Rainha Dona Leonor | 80 | 34,8 |
| Total | 230 | 100 |

A Tabela 2.2 apresenta a distribuição dos participantes por género e posição na fratria (filho único, mais velho, do meio e mais novo).

Tabela 2.2. Distribuição por género e por posição na fratria

| | | Total | Filho Único | Mais velho | Do meio | Mais novo |
|--------------|------------------|-------|-------------|------------|---------|-----------|
| Sexo | N | 102 | 26 | 31 | 19 | 26 |
| | Masculino | | | | | |
| | % | 44,3 | 11,3 | 13,5 | 8,3 | 11,3 |
| | N | 128 | 23 | 40 | 22 | 43 |
| | Feminino | | | | | |
| | % | 55,7 | 10 | 17,4 | 9,6 | 18,7 |
| Total | | 230 | 49 | 71 | 41 | 69 |
| % | | 100 | 21,3 | 30,9 | 17,8 | 30 |

Os participantes, têm idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos, apresentando uma média de idade de 14,80 anos e desvio padrão de 1,06.

A distribuição por género mostra que 102 alunos são do sexo masculino (44,3%) sendo que, 26 são filhos únicos (11,3%), 31 são filhos mais velhos (13,5%), 19 são filhos do meio (8,3%) e 26 são filhos mais novos (11,3%). Quanto ao sexo feminino, a distribuição por género é de 128 (55,7%), dos quais 23 são filhas únicas (10%), 40 são filhas mais velhas (17,4%), 22 são filhas do meio (9,6%) e 43 são filhas mais novas (18,7%) (Tabela 2.2).

A Tabela 2.3 caracteriza os participantes quanto ao número de irmãos.

Tabela 2.3 – Caracterização dos participantes quanto ao número de irmãos

| | N | % |
|---------------|------------|------------|
| 1 | 100 | 43,5 |
| 2 | 52 | 22,6 |
| 3 | 15 | 6,5 |
| 4 | 6 | 2,6 |
| 5 | 5 | 2,2 |
| 6 | 2 | 0,9 |
| 7 | 1 | 0,4 |
| Total | 181 | 78,7 |
| Filhos Únicos | 49 | 21,3 |
| Total | 230 | 100 |

Através da análise da Tabela 2.3, verifica-se que dos 181 alunos com irmãos (78,7%), 100 dos participantes têm apenas um irmão (43,5%), 52 têm dois irmãos (22,6%), 15 têm três irmãos (6,5%) e 14 alunos têm quatro ou mais irmãos (6,1%).

A Tabela 2.4 apresenta a caracterização dos participantes quanto à ordem de nascimento e ao género dos irmãos. Os dados foram organizados da seguinte forma: filho mais velho com irmãos apenas do sexo masculino ou do sexo feminino ou ambos; filho do meio com irmãos exclusivamente do sexo masculino ou do sexo feminino ou ambos; filho mais novo com irmãos unicamente do sexo masculino ou do sexo feminino ou ambos.

Tabela 2.4 – Caracterização dos participantes quanto à ordem de nascimento e ao género dos irmãos

| | N | % |
|-----------------------------------|-----|------|
| Filho Mais Velho - Irmãos | 30 | 13 |
| Filho Mais Velho - Irmãs | 27 | 11,7 |
| Filho Mais Velho - Irmãos e Irmãs | 14 | 6,1 |
| Filho do Meio - Irmãos | 6 | 2,6 |
| Filho do Meio - Irmãs | 11 | 4,8 |
| Filho do Meio - Irmãos e Irmãs | 24 | 10,4 |
| Filho Mais Novo - Irmãos | 27 | 11,7 |
| Filho Mais Novo - Irmãs | 31 | 13,5 |
| Filho Mais Novo - Irmãos e Irmãs | 11 | 4,8 |
| Filho Único | 49 | 21,3 |
| Total | 230 | 100 |

A análise da Tabela 2.4 permite observar que dos 71 participantes filhos mais velhos, 30 têm apenas irmãos (13%), 27 têm somente irmãs (11,7%) e 14 têm irmãos e irmãs na família (6,1%). Dos 41 participantes filhos do meio, 6 têm apenas irmãos (2,6%), 11 têm somente irmãs (4,8%) e 24 têm irmãos de ambos os sexos (10,4%). Dos 69 participantes filhos mais novos, 27 têm irmãos (11,7%), 31 têm irmãs (13,5%) e 11 têm irmãos e irmãs na família (4,8%).

Capítulo 3 – Resultados

Este capítulo dedicado à análise de resultados divide-se em três partes. A primeira centra-se na análise das características psicométricas do *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* (CDI) e da *Escala de Atribuições para a Carreira* (EAC). Na segunda parte, será apresentado o estudo das relações entre os dois instrumentos e a variável ordem de nascimento e na terceira parte será apresentada a análise qualitativa da informação obtida através do *Questionário Demográfico*.

3.1. Consistência interna dos instrumentos

A primeira etapa da análise de resultados consistiu no estudo da consistência interna dos instrumentos, nomeadamente, o *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* e *Escala de Atribuições para a Carreira*.

a) Inventário de Desenvolvimento Vocacional

No que respeita aos coeficientes alfa de *Cronbach*, verifica-se que tanto a escala A. Planeamento da Carreira ($\alpha=0.89$), como das subescalas A1. Planeamento da Carreira Geral ($\alpha=0.83$) e A2. Conhecimento da Profissão Preferida ($\alpha=0.84$), apresentam coeficientes de precisão superiores aos da escala B. Exploração da Carreira ($\alpha=0.79$) e das subescalas B1. Percepção de Utilidade das Fontes de Informação, ($\alpha=0.72$) e B2. Recurso a Fontes de Informação.

É de referir, que os valores obtidos são idênticos aos dos estudos realizados com amostras portuguesas (Janeiro, 2006).

b) Escala de Atribuições para a Carreira

Relativamente aos índices de precisão obtidos para a escala total de Causalidade Interna ($\alpha=0.75$), e para a escala total de Causalidade Externa ($\alpha=0.73$) foram

considerados adequados e vão ao encontro das investigações realizadas acerca deste instrumento (Janeiro, 2006; 2011).

3.2. Maturidade vocacional e crenças atribucionais de carreira e a Ordem de Nascimento

A segunda etapa da análise de resultados contempla o estudo da relação entre os dados obtidos acerca do Planeamento e Exploração de Carreira, das Crenças Atribucionais de Carreira e a Ordem de Nascimento.

Tabela 3.1 – Planeamento da Carreira quanto à ordem de nascimento

| | CDI – Escala A (Planeamento da Carreira) | | | | |
|--------------------|--|-------|---------------|--------|--------|
| | N | Média | Desvio-padrão | Mínimo | Máximo |
| Filho Único | 49 | 59,69 | 15,34 | 25 | 89 |
| Mais Velho | 71 | 57,45 | 13,89 | 28 | 87 |
| Do Meio | 41 | 56,90 | 14,25 | 26 | 82 |
| Mais Novo | 69 | 57,99 | 12,78 | 29 | 90 |

Observando a Tabela 3.1, verifica-se que as diferenças entre médias relativas ao Planeamento da Carreira não são relevantes, no entanto, salienta-se a média obtida pelos filhos únicos ($M=59,69$, $DP=15,34$) que se apresenta como mais elevada em relação aos restantes grupos. Foram analisados os resultados em termos de Planeamento da Carreira quanto à configuração familiar e quer para o sexo feminino quer para o sexo masculino, as diferenças também não são consideradas relevantes. No entanto, salienta-se que os filhos mais novos com irmãos obtiveram a média mais elevada ($M=62,09$, $DP=17,61$) (Anexo III.4), bem como, as filhas mais velhas com irmãs ($M=59,69$, $DP=16,40$). Os filhos mais novos com irmãos apresentam resultados mais baixos ($M=51,91$, $DP=9,29$), tal como, as filhas mais velhas ($M=56,95$, $DP=13,43$) (Anexo III.10).

Procedeu-se à análise da Exploração de Carreira, subescala do *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* e a Ordem de Nascimento (Tabela 3.2)

Tabela 3.2 – Exploração da Carreira quanto à ordem de nascimento

| CDI – Escala B (Exploração da Carreira) | | | | | |
|---|----|--------|---------------|--------|--------|
| | N | Média | Desvio-padrão | Mínimo | Máximo |
| Filho Único | 49 | 137,35 | 27,07 | 90 | 214 |
| Mais Velho | 71 | 136,32 | 26,52 | 86 | 202 |
| Do Meio | 41 | 133,98 | 27,25 | 56 | 192 |
| Mais Novo | 69 | 135,45 | 23,72 | 85 | 202 |

Relativamente à Exploração da Carreira, observa-se (Tabela 3.2) que os filhos únicos evidenciam uma média mais elevada ($M=137,35$, $DP=27,07$) comparativamente às restantes posições na fratria. Em contraste, os filhos do meio que registaram a média mais baixa ($M=133,98$, $DP=27,25$). Quanto à configuração familiar, os filhos mais velhos com irmãos apresentam valores médios mais elevados ($M=141,36$, $DP=25,11$) (Anexo III.5), bem como, as filhas mais velhas com irmãs ($M=147,08$, $DP=32,25$) (Anexo III.11). Por outro lado, os filhos mais novos com irmãs evidenciam resultados mais baixos ($M=132,25,40$), tal como, as filhas mais velhas com irmãos ($M=127,35$, $DP=23,37$).

Tendo em consideração que o presente estudo procura perceber se existem diferenças significativas em termos de maturidade vocacional, entre filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos, procedeu-se à utilização de métodos paramétricos (*one-way ANOVA*) para comparar as médias obtidas através do *Inventário de Desenvolvimento Vocacional* (Anexo III.1). O procedimento referido permitiu concluir que não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos em análise, tanto para a subescala de Planeamento ($F_{(3, 227)} = 0,362$, $p=0,781$), como para a subescala de

exploração ($F_{(3, 227)} = 0.139, p=0,937$). No entanto, em termos de configuração familiar, existem diferenças significativas entre filhas mais velhas com irmãs e filhas mais velhas com irmãos ($p=0,048$), e entre estas e as filhas mais novas com irmãs ($p=0,049$) (Anexo III.16).

A Tabela 3.3 apresenta as estatísticas descritivas obtidas para a *Escala de Atribuições para a Carreira* atendendo à Ordem de Nascimento.

Tabela 3.3 – Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão quanto à ordem de nascimento

| CI – Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão | | | | | |
|---|----|-------|---------------|--------|--------|
| | N | Média | Desvio-padrão | Mínimo | Máximo |
| Filho Único | 49 | 40,88 | 7,38 | 13 | 49 |
| Mais Velho | 71 | 41,79 | 5,33 | 25 | 49 |
| Do Meio | 41 | 41,32 | 6,01 | 29 | 49 |
| Mais Novo | 69 | 42,78 | 4,56 | 30 | 49 |

Verifica-se (Tabela 3.3) que os filhos mais novos apresentam valores médios mais elevados em relação aos restantes grupos ($M=42,78$, $DP=4,56$). No entanto, os valores sugerem que não existem diferenças relevantes entre as quatro posições na fratria em estudo, sendo os resultados mais baixos pertencentes aos filhos do meio ($M=41,32$, $DP=6,01$).

É de referir que em termos de configuração familiar, verifica-se (Anexo III.9) que os filhos mais novos com irmãos obtiveram a média mais elevada ($M=43$, $DP=4,05$), bem como, as filhas mais velhas com irmãs ($M=45,08$, $DP=3,15$) (Anexo III.12). Os filhos mais velhos com irmãos apresentam resultados mais baixos ($M=40,09$, $DP=5,20$) tal como as filhas mais velhas com irmãos ($M=41,35$, $DP=6,56$).

Quanto à subescala de Causalidade Interna de Fracasso, os resultados obtidos (Tabela 3.4) indicam que os filhos únicos apresentam valores médios mais elevados que os restantes grupos ($M=16,63$, $DP=4,75$).

Tabela 3.4 – Causalidade Interna de Fracasso quanto à ordem de nascimento

| CI – Fracasso | | | | | |
|--------------------|----|-------|---------------|--------|--------|
| | N | Média | Desvio-padrão | Mínimo | Máximo |
| Filho Único | 49 | 16,63 | 4,75 | 6 | 28 |
| Mais Velho | 71 | 14,75 | 5,27 | 5 | 28 |
| Do Meio | 41 | 15,98 | 4,60 | 7 | 26 |
| Mais Novo | 69 | 16,45 | 5,39 | 4 | 28 |

Em termos de configuração familiar, verifica-se (Anexo III. 7) que os filhos do meio com irmãs apresentam os valores médios mais elevados ($M=18,67$, $DP=2,52$), bem como, as filhas mais novas com irmãs ($M=17,32$, $DP=6,23$). Por outro lado, os filhos mais velhos com irmãs evidenciam resultados mais baixos ($M=14,73$, $DP=5,16$), tal como, as filhas mais velhas com irmãos ($M=14,20$, $DP=4,92$) (Anexo III.13).

Tabela 3.5 – Causalidade Externa quanto à ordem de nascimento

| CE – Causalidade Externa | | | | | |
|--------------------------|----|-------|---------------|--------|--------|
| | N | Média | Desvio-padrão | Mínimo | Máximo |
| Filho Único | 49 | 37,35 | 10,16 | 14 | 66 |
| Mais Velho | 71 | 34,62 | 10,29 | 16 | 65 |
| Do Meio | 41 | 34,32 | 9,72 | 14 | 58 |
| Mais Novo | 69 | 34,12 | 8,33 | 18 | 61 |

Relativamente à Escala de Causalidade Externa, verifica-se (Tabela 3.5) que os valores médios obtidos para os diferentes grupos não apresentam diferenças relevantes, no entanto, é de salientar que os filhos únicos obtêm as médias mais elevadas

($M=37,35$, $DP=10,16$). Quanto à configuração familiar, os dados obtidos (Anexo III.8) indicam que os filhos mais velhos com irmãs apresentam resultados mais elevados que os restantes grupos ($M=37,80$, $DP=9,22$), bem como as filhas mais velhas com irmãs ($M=35,08$, $DP=12,54$), tal como as filhas do meio ($M=27,50$, $DP=7,41$) (Anexo III.14).

Procedeu-se à análise das médias obtidas para os grupos em estudo (filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos) relativamente a todas as subescalas da *Escala de Atribuições para a Carreira* (Anexo III.2). Conclui-se que não existem diferenças significativas entre as diferentes posições na fratria, para as três subescalas da EAC: Causalidade Interna de Sucesso de Tomada de Decisão ($F_{(3, 227)} = 1,191$; $p = 0,13$) Causalidade Interna de Fracasso ($F_{(3, 227)} = 1,826$; $p = ,143$) e Causalidade Externa $F_{(3, 227)} = 1,274$; $p = 0,284$).

Apesar de não existirem diferenças significativas para o grupo total, o teste *post hoc* LSD indica que para a subescala de Causalidade Interna relacionada com o Fracasso alguns dos pares em análise diferem entre si, nomeadamente, os filhos mais velhos e os filhos mais novos ($p = 0,049$), bem como os filhos mais velhos e os filhos únicos ($p = 0,047$) para a subescala de Causalidade Interna relacionada com o Fracasso (Anexo III.4).

3.3 Projectos Vocacionais

A última questão do Questionário Demográfico (*Indica qual a profissão (ões) que gostarias de ter no futuro e porquê*) possibilitou a recolha qualitativa de informação acerca dos projectos vocacionais dos participantes para posterior análise de conteúdo. Objectivou-se analisar as respostas a esta questão, no sentido de compreender o grau de elaboração e especificação dos projectos vocacionais dos alunos, bem como, as áreas de estudo que ambicionam seguir após a conclusão do 9.º ano de escolaridade.

Tabela 3.6 – Análise de conteúdo das respostas obtidas – Projectos vocacionais

| Grau de Elaboração e Especificação de Projectos Vocacionais | Nível | Frequência | Exemplo |
|--|---|-------------------|---|
| | Muito Elaborado Projecto bem definido, especifica uma profissão dentro de uma área de estudos | 100 | “Gostaria de ser Pediatra” |
| | Elaborado Projectos variados dentro de uma área de estudos | 26 | “Gostava de ser Neurocirurgião ou Enfermeiro” |
| | Elaborado mas pouco específico Indica uma área de estudos mas não indica uma profissão | 24 | “Gostava de seguir qualquer coisa relacionada com Turismo e Hotelaria.” |
| | Pouco Elaborado Indica duas ou mais profissões de áreas diferentes | 68 | “Gostaria de ser Psicóloga ou Veterinária ou algo relacionado com música” |
| | Nada Elaborado não apresenta projectos, isto é, não especifica uma profissão nem uma área de estudos | 12 | “Gostaria de tomar conta de crianças; “não sei” |

Analisando a Tabela 3.6 verifica-se que 100 participantes evidenciam projectos vocacionais *muito elaborados* (43,5%), sendo que deste grupo de alunos, 35 são filhos mais velhos (15,2%), 12 são filhos do meio (5,2%), 29 são filhos mais novos (12,6%) e 24 são filhos únicos (10,4%). Relativamente aos projectos *elaborados*, verifica-se que 26 dos 230 participantes apresentam projectos variados dentro de uma área de estudos, dos quais 8 alunos são filhos mais velhos (3,5%), 6 são filhos do meio (2,6%), 7 são filhos mais novos (3%) e 5 são filhos únicos (2,2%). Verifica-se também que, 24 participantes apresentam projectos vocacionais *elaborados mas pouco específicos*, dos

quais 4 (1,7%) são filhos mais velhos, 5 (2,2%) são filhos do meio, 11 são filhos mais novos (4,8%) e 4 são filhos únicos (1,7%). Observa-se que 68 participantes apresentam projectos *pouco elaborados*, sendo que 22 são filhos mais velhos (9,6%), 15 são filhos do meio (6,5%), 19 são filhos mais novos (8,3%) e 12 são filhos únicos (5,2%). Por fim, 12 alunos apresentam projectos vocacionais *nada elaborados* (5,2%), dos quais 2 são filhos mais velhos (0,9%), 3 são filhos do meio (1,3%), 3 são filhos mais novos (1,3%) e 4 são filhos únicos (1,7%) (Tabela 3.7).

Tabela 3.7 – Grau de elaboração e especificação de projectos vocacionais quanto à ordem de nascimento

| | | Elaborado | | | | | Total |
|-------------------------|---|-----------------|-----------|----------------------|-----------------|----------------|-------|
| | | Muito Elaborado | Elaborado | mas pouco específico | Pouco Elaborado | Nada Elaborado | |
| Filho mais velho | N | 35 | 8 | 4 | 22 | 2 | 71 |
| | % | 15,2% | 3,5% | 1,7% | 9,6% | 0,9% | 30,9% |
| Filho do meio | N | 12 | 6 | 5 | 15 | 3 | 41 |
| | % | 5,2% | 2,6% | 2,2% | 6,5% | 1,3% | 17,8% |
| Filho mais novo | N | 29 | 7 | 11 | 19 | 3 | 69 |
| | % | 12,6% | 3% | 4,8% | 8,3% | 1,3% | 30% |
| Filho Único | N | 24 | 5 | 4 | 12 | 4 | 49 |
| | % | 10,4% | 2,2% | 1,7% | 5,2% | 1,7% | 21,3% |
| Total | N | 100 | 26 | 24 | 68 | 12 | 230 |
| | % | 43,5% | 11,3% | 10,4% | 29,6% | 5,2% | 100 % |

Relativamente à análise das profissões referidas pelos participantes na última questão do *Questionário Demográfico*, optou-se por organizar a informação obtida de acordo com as áreas de estudo de ingresso ao ensino superior (Direcção Geral de Ensino Superior, 2008), nomeadamente: Ciências; Tecnologias; Saúde; Agricultura e Recursos Naturais; Arquitectura, Artes Plásticas e Design; Humanidades, Secretariado, Tradução;

Ciências da Educação e Formação de Professores e Direito, Ciências Sociais e Serviços. Sentiu-se a necessidade de acrescentar à lista de áreas de estudo de ingresso ao ensino superior, outras áreas de formação indicadas pelos alunos, tais como: área Militar e Policial, Comissário e Assistente de Bordo e Cabeleireiro e Estética, perfazendo um total de treze áreas de estudo. Os alunos referiram uma ou mais profissões, no entanto, para facilitar o processo de categorização e análise da informação obtida, optou-se por considerar apenas a primeira profissão indicada pelos participantes (Tabela 3.8).

Tabela 3.8 – Relação entre os projectos vocacionais e a ordem de nascimento

| | | Filho Mais velho | Filho do meio | Filho mais novo | Filho Único | Total |
|---|---|---------------------|------------------|--------------------|----------------|-------|
| Ciências | N | 7 | 4 | 4 | 2 | 17 |
| | % | 3,2% | 1,8% | 1,8% | 0,9% | 7,7% |
| Tecnologias | N | 12 | 9 | 10 | 9 | 40 |
| | % | 5,5% | 4,1% | 4,5% | 4,1% | 18,2% |
| Saúde | N | 14 | 1 | 9 | 7 | 31 |
| | % | 6,4% | 0,5% | 4,1% | 3,2% | 14,1% |
| Agricultura e Recursos Naturais | N | 0 | 1 | 3 | 2 | 6 |
| | % | 0 | 0,5% | 1,4% | 0,9% | 2,7% |
| Arquitectura, Artes Plásticas e Design | N | 4 | 2 | 5 | 2 | 13 |
| | % | 1,8% | 0,9% | 2,3% | 0,9% | 5,9% |
| Humanidades, Secretariado, Tradução | N | 2 | 0 | 1 | 1 | 4 |
| | % | 0,9% | 0% | 0,5% | 0,5% | 1,8% |
| Ciências da Educação e Formação de Professores | N | 2 | 2 | 2 | 0 | 6 |
| | % | 0,9% | 0,9% | 0,9% | 0% | 2,7% |
| Direito, Ciências Sociais e Serviços | N | 4 | 9 | 14 | 4 | 31 |
| | % | 1,8% | 4,1% | 6,4% | 1,8% | 14,1% |
| Economia, Gestão e Contabilidade | N | 6 | 4 | 1 | 3 | 14 |
| | % | 2,7% | 1,8% | 0,5% | 1,4% | 6,4% |
| Educação Física, Desporto e Artes do Espectáculo | N | 12 | 4 | 7 | 11 | 34 |
| | % | 5,5% | 1,8% | 3,2% | 5,0% | 15,5% |

| | | | | | | |
|----------------------------|---|-------|-------|-------|-------|------|
| | N | 6 | 1 | 6 | 4 | 17 |
| Militar e Policial | % | 2,7% | 0,5% | 2,7% | 1,8% | 7,7% |
| Comissário e Assistente de | N | 0 | 2 | 1 | 2 | 5 |
| Bordo | % | 0% | 0,9% | 0,5% | 0,9% | 2,3% |
| Cabeleireiro e Estética | N | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 |
| | % | 0% | 0% | 0,9% | 0% | 0,9% |
| Total | N | 69 | 39 | 65 | 47 | 220 |
| | % | 31,4% | 17,7% | 29,5% | 21,4% | 100% |

Quanto ao tipo de projectos vocacionais evidenciados pelos participantes verifica-se que, 17 alunos apresentam projectos vocacionais relacionados com a área de **Ciências** (7,7%). A área das **Tecnologias** foi referida por 40 alunos, constituindo uma percentagem considerável de participantes (18,2%), dos quais 12 são filhos mais velhos (5,5%), 9 são filhos do meio (4,1%), 10 são filhos mais novos (4,5%) e 9 são filhos únicos (4,1%). Relativamente à **Saúde**, 31 participantes referem projectos vocacionais relacionados com esta área (14,1%) e a **Agricultura e Recursos Naturais** indica um total de 6 participantes (2,7%). Verifica-se que 13 dos 230 participantes apresentam projectos vocacionais relacionados com a área de **Arquitectura, Artes Plásticas e Design** (5,9%), 4 alunos referem profissões da área de **Humanidades, Secretariado e Tradução** e 6 participantes (2,7%) evidenciam preferência por profissões da área de **Ciências da Educação e Formação de Professores**. Relativamente ao **Direito, Ciências Sociais e Serviços**, verifica-se que 31 alunos (14,1%) apresentam projectos vocacionais com base em profissões desta área de estudos, dos quais 4 são filhos mais velhos (1,8%), 9 são filhos do meio (4,1%), 14 são filhos mais novos (6,4%) e 4 são filhos únicos (1,8%). A leitura da Tabela 3.8 indica que 14 participantes pretendem seguir profissões relacionadas com a área de **Economia, Gestão e Contabilidade** (6,4%), 34 apresentam projectos vocacionais na área de **Educação Física, Desporto e Artes do Espectáculo** (15,5%). Dos 230 participantes 17 pretendem seguir profissões

relacionadas com a área **Militar e Policial** (7,7%), e 5 ambicionam seguir profissões como a de **Comissário e Assistente de Bordo** (2,3%). Por fim, verificou-se que apenas 2 dos 230 participantes demonstram projectos vocacionais relacionados com a área **Cabeleireiro e Estética**, sendo que ambos são filhos do meio (0,9%).

Capítulo 4 – Discussão e Conclusões

A revisão de literatura realizada para a presente dissertação (Capítulo 1) indica que a posição na fratria, conceito basilar da perspectiva teórica de Adler, tem sido objecto de estudo de um número considerável de investigações nas últimas décadas. Parece existir uma real preocupação em compreender o efeito da ordem de nascimento nas diferentes dimensões do desenvolvimento do indivíduo. No entanto, em termos vocacionais, verificou-se que a relação da ordem de nascimento e as atitudes de planeamento e exploração de carreira é ainda uma área por explorar. Apesar das teorias vocacionais considerarem as crenças atribucionais de carreira como factores determinantes para o desenvolvimento vocacional (Janeiro, 2006), também não foram encontrados estudos que relacionem os estilos atribucionais de carreira e a ordem de nascimento.

No seguimento da revisão de literatura realizada para o presente estudo, procurou-se perceber se a ordem de nascimento pode afectar a forma como os jovens se preparam para as tarefas vocacionais.

De acordo com Bradley (1982), ser filho único, mais velho, do meio ou mais novo e ter irmãos e/ou irmãs numa determinada combinação são variáveis que influenciam a construção do estilo de vida do jovem, bem como, o planeamento da carreira. No entanto, a análise dos dados obtidos no presente estudo (Capítulo 3) não apresentou diferenças significativas ao nível das atitudes de exploração e planeamento de carreira. Registaram-se diferenças estatisticamente significativas apenas na análise da configuração familiar, a favor das filhas mais velhas com irmãs e das filhas mais novas com irmãs, comparativamente às filhas mais velhas com irmãos. Os dados sugerem que as fratrias compostas apenas por raparigas podem estar na base de atitudes mais favoráveis em relação à preparação para as tarefas vocacionais.

Relativamente às crenças atribucionais de carreira, os dados indicam que existe uma tendência para resultados mais elevados na escala de Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão para os filhos mais novos que, por sua vez, obtiveram os valores médios mais baixos na escala de causalidade externa. Parece assim, que os filhos mais novos tendem a atribuir o sucesso nas situações de carreira a factores internos como o empenho e o esforço no trabalho. As únicas diferenças significativas encontradas para as médias dos grupos em análise, registaram-se na escala de causalidade interna relacionada com o fracasso a favor dos filhos mais novos e dos filhos únicos em comparação com os filhos mais velhos. Janeiro (2008), analisou as relações entre as atitudes de carreira e alguns dos seus determinantes psicológicos, tais como a perspectiva temporal, as crenças atribucionais e a auto-estima. As conclusões do estudo indicam que a causalidade interna de fracasso e a auto-estima apresentam correlações negativas elevadas, isto é, resultados baixos na subescala de causalidade interna de fracasso são indicadores de níveis elevados de auto-estima. Sendo assim, e considerando as diferenças significativas encontradas para a EAC, os resultados obtidos vão ao encontro da literatura que sugere que os filhos mais velhos parecem ter um nível de auto-estima mais elevado do que as restantes posições na fratria (Mellor, citado por Tavares et al. 2004, p.18; Bradley, 1982).

Quanto aos projectos profissionais, os dados obtidos não permitem corroborar a perspectiva teórica Adleriana que sugere que filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos, elaboram projectos vocacionais distintos (Leong, Hartung, Goh & Gaylor, 2001; Schultz & Schultz, 2002), pois a distribuição de áreas de estudo entre os grupos em análise foi tendencialmente diversificada. Os filhos únicos demonstraram que pretendem seguir profissões relacionadas com a área das Tecnologias, Saúde e Educação Física, Desporto e Artes do Espectáculo, tal como, os filhos mais velhos. Os

filhos do meio referiram profissões relacionadas com as Tecnologias e Direito, Ciências Sociais e Serviços e os filhos mais novos apresentam preferência por actividades profissionais relacionadas com as Tecnologias, Saúde e Direito, Ciências Sociais e Serviços. Apesar de não se registarem diferenças relevantes, os dados recolhidos permite identificar algumas semelhanças com estudos realizados anteriormente pois, indicam que os filhos do meio apresentam mais interesse pelas áreas sociais do que os filhos únicos e os filhos mais velhos (Magalhães, 2008), e estes por sua vez tendem a preferir profissões como as de professor e médico, tal como referiu o autor Bryant (1987).

Uma análise mais ampla dos dados, indica que a maioria dos participantes pretende seguir áreas como as Tecnologias que integra profissões relacionadas com Engenharia e Informática; Saúde à qual estão relacionadas profissões como as de Médico, Enfermeiro, Farmacêutico e Fisioterapeuta; Direito, Ciências Sociais e Serviços da qual fazem parte profissões como as de Psicólogo, Advogado, Relações Públicas, Jornalista e Gestor Hoteleiro; e Educação Física, Desporto e Artes do Espectáculo, na qual se encontram profissões associadas ao Desporto, à Dança, ao Teatro e a Música.

É de referir que foi considerada apenas a primeira profissão indicada pelos alunos, factor que poderá ter influenciado os resultados obtidos. Esta representa assim uma das limitações do presente estudo e está relacionada com a instrução dada relativamente ao preenchimento da última questão do *Questionário Demográfico*. Foi pedido aos participantes que indicassem uma profissão ou profissões que gostariam de seguir no futuro. Os participantes referiram, na sua grande maioria, pelo menos duas profissões o que dificultou a análise da informação recolhida, tendo sido considerada apenas a primeira profissão indicada pelos alunos. Assim, sugere-se que em estudos

futuros seja solicitado aos participantes a indicação das profissões que ambicionam seguir, colocando-as por ordem de preferência e não mais do que duas.

Relativamente ao grau de elaboração e especificação dos projectos vocacionais os dados recolhidos indicam que as diferenças entre os grupos em análise também não são relevantes. Salienta-se o facto de uma percentagem significativa dos participantes evidenciar projectos vocacionais *muito elaborados*, isto é, apresentam um projecto bem definido, especificando uma profissão dentro de uma área de estudos. Estes resultados poderão estar relacionados com o facto de a maioria dos participantes ter respondido aos instrumentos no terceiro período do ano lectivo e de terem já beneficiado do apoio dos serviços de orientação profissional das escolas, nomeadamente, ao nível de informação sobre as áreas de estudos que poderão seguir após a conclusão do 9.º ano de escolaridade.

Um dos factores que poderá ter influenciado os resultados obtidos diz respeito ao tamanho da amostra. Apesar de terem participado 230 estudantes, os grupos em estudo não apresentaram a homogeneidade desejada, sendo que os filhos mais velhos registaram um número mais elevado de participantes e os filhos do meio uma percentagem mais reduzida.

Uma limitação importante deste trabalho refere-se à diferença de género entre os participantes do estudo. Se tivessem sido analisadas as diferenças entre género para cada um dos grupos em análise (filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos) a informação recolhida possibilitaria uma análise mais pormenorizada de cada uma das posições da fratria acima referidas.

Por fim, importa referir que esta investigação, tal como outras realizadas anteriormente, contempla apenas a ordem de nascimento actual, isto é solicita que os participantes indiquem se são filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos. No

entanto, de acordo com a teoria Adleriana (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; White, et. al, 1997; Schultz & Schultz, 2002) não é a posição na fratria propriamente dita que influencia o desenvolvimento do indivíduo mas sim a situação familiar na qual ele se encontra e a forma como a percebe. Assim, sugere-se que em estudos futuros seja considerada não só a posição na fratria mas também outras características familiares, tais como o tipo de família e o espaçamento entre nascimentos.

Dada a complexidade da variável ordem de nascimento sugere-se para futuros estudos a consideração de outras variáveis relevantes para o desenvolvimento vocacional, tais como, a auto-estima e a perspectiva temporal de futuro. Sugere-se a auto-estima pois parece existir diferenças a este nível entre as principais posições na fratria (Bradley, 1982; Mellor, citado por Tavares et al. 2004, p.18) e a perspectiva temporal de futuro pois a literatura consultada indica que esta é influenciada pela percepção do jovem sobre o futuro (Janeiro, 2011), que por sua vez está relacionada com o planeamento de carreira, variável associada à ordem de nascimento.

Seria benéfico para o estudo do desenvolvimento vocacional, integrar a partilha de experiências vividas no seio da família dos jovens, em género de questionário e/ou de entrevista para que eles possam apoiar a compreensão da relação entre a ordem de nascimento e as fases de exploração e planeamento vocacionais. Pois, o padrão de atitudes e comportamentos que emergem das experiências vividas no contexto familiar apresentam-se como os aspectos mais relevantes para a compreensão do desenvolvimento vocacional, visto que são determinantes na definição de interesses vocacionais e na escolha de carreira (White et al. 1997).

Referências Bibliográficas

- Adler (1953). *Practica y Teoria de La Psicologia Del Individuo*. Editorial Paidós: Buenos Aires.
- Bradley, R. W. & Mims, G. A. (1992). Using family systems and birth order dynamics as the basis for a college career decision-making course. *Journal of Counseling & Development*, 70, 445-448.
- Bradley, R. W. (1982). Using birth order and sibling dynamics in career counseling. *Personnel and Guidance Journal*, 61, 25-31.
- Bryant, B. L. (1987). Birth order as a factor in the development of vocational preferences. *Individual Psychology*, 48 (1), 36-41.
- Carvalho, M. & Taveira, M. C. (2009). Influência de pais nas escolhas de carreira dos filhos: visão de diferentes autores. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10 (2), 33-41.
- Carvalho, M. & Taveira, M. C. (2010). O papel dos pais na execução de planos de carreira no ensino secundário: Perspectivas de pais e de estudantes. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 333-341.
- Costa, M. (2010). Relação entre o apoio dos amigos e as atitudes de exploração e planeamento da carreira. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Collins, C. (2006). The Relationship Between Birth Order and Personality and Career Choices.
- Dias, M. M. (2005). Maturidade vocacional: Estudo diferencial em alunos do 9.º Ano com e sem Programa de Orientação Escolar. *Lusófona de Educação*, 6, 225-226.

- Direcção Geral de Ensino Superior. (2008). *Índice de Cursos: Área/curso*. Retirado a 03 de Junho de 2011, <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Acesso/Genericos/IndicedeCursos/>
- Faria, S. (Ed.). (2008). 9º Ano: E Agora? Um Olhar Sociológico sobre o Processo de Decisão à Saída do Ensino Básico. *VI Congresso Português de Sociologia*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Feist, J. & Feist, G.J. (2008). *Teorias da Personalidade* (6ª Ed.). São Paulo: MacGraw-Hill.
- Gandy, G. L. (1974). Ordinal position research related to vocational interest. *Journal of Counseling Psychology*, 21 (4), 281-287.
- Gonçalves, C. (1997). A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Gonçalves, C. M. & Coimbra, L. J. (Eds.). (1998). A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens. *5ª Conferência Bienal da EARA*. Budapeste: Hungria.
- Gonçalves, C. M. (2006). A família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Hall, C. S., Lindzey, G. & Campbell, J. B. (2000). *Teorias da personalidade*. Porto Alegre: Artmed.

- Hargrove, B. K., Creagh, M. G. & Burgess, B. L. (2002). Family Interaction Patterns as Predictors of Vocational Identity and Career Decision-Making Self-Efficacy. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 185-201. doi: 101006/jvbe.2001.1848
- Hartung, P. J., Daniel, M. L., Kathleen, M. & Niles, G. Spencer (2002). Family interaction patterns and college student career development. *Journal of Career Assessment*, 10 (1), 78-90. doi: 10.1177/1069072702010001005
- Holland, J. L. (1973). *Making vocational choices: A theory of careers*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Hutz, C. S. & Bardagir, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11 (1), 65-73.
- Janeiro, I. N. (2006). A perspectiva temporal, as crenças atribucionais, a auto-estima e as atitudes de planeamento e de exploração da carreira: Estudo sobre os determinantes da carreira em estudantes do 9.º e 12.º anos. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Janeiro, I. N. (2008). Dinâmica cognitiva-motivacional e atitudes de carreira: Um estudo confirmatório. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 179-199.
- Janeiro, I. N. & Marques, F. (2010). Career coping styles: differences in career attitudes among secondary school students. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 10 (1), 35-48. doi: 10.1007/10077500991703.
- Janeiro, I. N. (2011). Escala de Atribuições em relação à Carreira (EAC): Um estudo exploratório. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12 (1), 5-13.
- Leong, F. T., Hartung, P. J., Goh, D. & Gaylor M. (2001). Appraising birth order in career assessment: Linkages to Holland's and Super's models. *Journal of Career Assessment*, 9 (1), 25-39. doi: 10.1177/106907270100900102

- Lopes, A. R. (2010). Projectos vocacionais, crenças de auto-eficácia e expectativas parentais em estudantes do 7º ano de escolaridade em situação de sucesso-insucesso escolar. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Powell, D. F. & Luzzo, D. A. (1998). Evaluating Factors Associated With the Career Maturity of High School Students. *The Career Development Quarterly*, 47, 145-157.
- Magalhães, M. O. (2008). Relação entre a ordem de nascimento e interesses vocacionais. *Estudos de Psicologia*, 25 (2), 203-210.
- Magalhães, M. O. (2009). Relação entre ordem de nascimento e estilos interpessoais. *Interação em Psicologia*, 13 (1), 1-11.
- Martins, T. R. T. (Ed.). (2010). Software de apoio para orientação vocacional no 9.º ano de escolaridade: Uma proposta de intervenção. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho: Portugal.
- Nurmi, J. E. (1989). Development of orientation to the future during early adolescence: a four-year longitudinal study and tow cross-sectional comparisons. *International Journal of Psychology*, 24, 195-214.
- Pinto, R. H. & Soares, C. M. (2001). Influência parental na carreira: Evolução de perspectivas na teoria, na investigação e na prática. *Psychologica*, 26, 153-149.
- Pocinho, M., Almeida, L., Ramos, M. C., Correia, V. & Correia, A. (2007). Atribuições causais para o bom e fraco desempenho escolar: estudo com alunos do 3.º ciclo do ensino básico. *Psicologia, Educação e Cultura*, XI (2), 343-355.
- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: Actualização. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 17, 144-452.

- Santos, E. & Ferreira, J. A. (1998). Career counseling and vocational psychology in Portugal: A political perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 52, 312–322.
- Santos, E. & Paixão, M. P. (1992). A perspectiva adleriana do desenvolvimento na adolescência: Actualidade da noção de plano de vida. *Psychologica*, 7, 1-9.
- Santos, E. (1996). Aconselhamento de carreiras: Aspectos nucleares e revisão bibliográfica. *Interacções*, 4, 51-80.
- Savickas, M. L. (2003). Advancing the Career Counseling Profession: Objectives and Strategies for the Next Decade. *The Career Development Quarterly*, 52, 57-96.
- Schultheiss, D. E., Kress, H. M., Manzi, A. J. & Glasscock, J. M. (2001). Relational influences in career development: A qualitative inquiry. *The Counseling Psychologist*, 29 (2), 216-239. doi: 10.1177/0011000001292003
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Thomson.
- Super, D. E. (1983). Um novo modelo prático de avaliação dos indivíduos em orientação escolar e profissional. *Revista Portuguesa de Psicologia*.
- Super, D. E. (1990). *A life-span, life-space approach to career development*. In D. Brown, L. Brooks and Associates (Eds.), *Career Choice and Development*. San Francisco, CA: Jossey Bass.
- Tavares, M. B., Fuchs, F. C., Diligenti, F., Pinto de Abreu, J. R., Rohde, L. A. & Fuchs, S. C. (2004). Características de comportamento do filho único vs filho primogénito e não primogénito. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (1), 17-23.
- Weiner, B. (1985). An Attributional Theory of Achievement Motivation and Emotion. *Psychological Review*, 92 (4), 548-573.
- Whiston, C. S. & Keller, K. B. (2004). The Influence of the family of origin on career development: A review and analysis. *The Counseling Psychologist*, 32 (4), 493-568.

White, J., Campbell, L., Stewart, A., Davies, M. & Pilkington, L. (1997). The relationship of psychological birth order to career interests. *Individual Psychology*, 53 (1), 89-104.

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 2.1. – Distribuição dos participantes por escolas..... | 27 |
| Tabela 2.2. – Distribuição por género e por posição na fratria..... | 27 |
| Tabela 2.3 – Caracterização dos participantes quanto ao número de irmãos..... | 28 |
| Tabela 2.4 – Caracterização dos participantes quanto à ordem de nascimento e ao género dos irmãos..... | 39 |
| Tabela 3.1 – Planeamento da Carreira quanto à ordem de nascimento..... | 31 |
| Tabela 3.2 – Exploração da Carreira quanto à ordem de nascimento..... | 32 |
| Tabela 3.3 – Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão quanto à ordem de nascimento..... | 33 |
| Tabela 3.4 – Causalidade Interna de Fracasso quanto à ordem de nascimento..... | 34 |
| Tabela 3.5 – Causalidade Externa quanto à ordem de nascimento | 35 |
| Tabela 3.6 – Análise de conteúdo das respostas obtidas – Projectos vocacionais..... | 36 |
| Tabela 3.7 – Grau de elaboração e especificação de projectos vocacionais quanto à ordem de nascimento..... | 37 |
| Tabela 3.8 – Relação entre os projectos vocacionais e a ordem de nascimento..... | 38 |

Anexos

Anexo I

Anexo I.1 – Resposta da Avaliação de pedido de autorização à Monitorização de
Inquéritos em Meio Escolar (MIME)

Anexo I.2 – Carta de Pedido de Autorização à Escola

Anexo II

Anexo II.1 – Questionário Demográfico

Anexo III

Anexo III.1 - Análise das diferenças das médias entre as diferentes posições na fratria
na escala A. Planeamento da Carreira – CDI

Anexo III.2 - Análise das diferenças das médias entre as diferentes posições na fratria
na escala B. Exploração da Carreira – CDI

Anexo III.3 - Análise das diferenças das médias entre as diferentes posições na fratria
na escala de Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão – EAC

Anexo III.4 -Análise das diferenças das médias entre as posições na fratria e a
Causalidade Interna de Fracasso

Anexo III.5 - Análise das diferenças das médias entre as diferentes posições na fratria
na escala da Causalidade Externa – EAC

Anexo III.6 - Escala de Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão quanto à
configuração familiar – sexo masculino

Anexo III. 7 – Escala de Causalidade Interna de Sucesso de Fracasso e configuração familiar – sexo masculino

Anexo III.8 – Escala de Causalidade Externa e configuração familiar – sexo masculino

Anexo III.9 – Diferenças entre médias dos grupos quanto configuração familiar – sexo masculino

Anexo III.10 - Planeamento da Carreira quanto à configuração familiar – sexo feminino

Anexo III.11 - Exploração da Carreira quanto à configuração familiar – sexo feminino

Anexo III.12 - Escala Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão quanto à configuração familiar – sexo feminino

Anexo III.13 – Causalidade Interna de Fracasso quanto à configuração familiar – sexo feminino

Anexo III.14 – Causalidade Externa quanto à configuração familiar – sexo feminino

Anexo III.15 – Diferenças entre médias quanto à configuração familiar – sexo feminino

Anexo III.16 – Diferenças entre médias quanto à Maturidade Vocacional – sexo feminino - *Post hoc*

ANEXO I.1 – Pedido de autorização – Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME)

| Dados adicionais |
|---|
| Estado: Aprovado |
| Avaliação: Exmo(a). Senhor(a) Dr(a) Isabel Janeiro Venho por este meio informar que o pedido de realização de questionário em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas. Com os melhores cumprimentos Isabel Oliveira Directora de Serviços de Inovação Educativa DGIDC |
| Observações: Sem observações |
| Outras observações: Sem observações. |

ANEXO II.2 – Carta de pedido de autorização



Data

Exms Senhores,

Para os devidos efeitos, declara-se que a aluna Mara Natércia Aguiar Abreu, está, no ano lectivo de 2010-2011, a realizar uma recolha de dados para a realização da dissertação de Mestrado em Psicologia a apresentar à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Para esse fim, solicita-se que a autorize a fazer as necessárias aplicações dos seguintes instrumentos de Avaliação Psicológica:

- Inventário de Desenvolvimento Vocacional (CDI)
- Escala de Atribuições de Carreira (EAC)

A aluna levará os materiais necessários e fará as aplicações dentro dos horários que a V. Instituição considerar convenientes.

Com os melhores cumprimentos,

A docente responsável

Prof. Doutora Isabel
Janeiro

ANEXO II.1 – Questionário Demográfico

Questionário Demográfico

Dados do Aluno:

Idade: _____ Sexo: ☐ ☐

Escola: _____

Ano de escolaridade: _____

És filho (a) único (a)? Sim ☐ Não ☐

Na tua família és o (a) filho (a):

| | |
|----------------|--|
| Mais velho (a) | |
| Do meio | |
| Mais novo (a) | |

Quantos irmãos/irmãs tens? _____

Qual é a idade e o sexo dos teus irmãos/irmãs?

| Idade | Sexo | |
|-------|------|---|
| | F | M |
| | F | M |
| | F | M |
| | F | M |
| | F | M |
| | F | M |

Projectos para o futuro:

1. Indica as três coisas que gostarias mais de fazer na vida nos próximos dez anos:

2. Indica qual a profissão (ões) que gostarias de ter no futuro e porquê:

Anexo III.1 - Diferenças entre as médias do CDI para os grupos em análise

| | | Média | F | p |
|--------------------|-------------------|--------------|----------|----------|
| Planeamento | Entre os grupos | 70,47 | .362 | .781 |
| | Dentro dos grupos | 194,91 | | |
| Exploração | Entre os grupos | 93,62 | .139 | .937 |
| | Dentro dos grupos | 674,08 | | |

Anexo III.2 - Diferenças entre as médias da EAC para os grupos em análise

| | | Média | F | p |
|---|-------------------|--------------|----------|----------|
| Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão | Entre os grupos | 39,290 | 1,191 | ,314 |
| | Dentro dos grupos | 32,981 | | |
| Causalidade Interna Fracasso | Entre os grupos | 47,240 | 1,826 | ,143 |
| | Dentro dos grupos | 25,871 | | |
| Causalidade Externa | Entre os grupos | 117,737 | 1,274 | ,284 |
| | Dentro dos grupos | 92,380 | | |

Anexo III.3 -Análise das diferenças das médias entre as posições na fratria na escala deCausalidade Interna de Fracasso – *Post Hoc*

| EAC – Causalidade Interna de Fracasso | | | |
|--|-------------|-----------------------------|----------|
| Ordem de Nascimento | | Diferenças de Médias | p |
| Mais Velho | Do Meio | -.229 | .219 |
| | Mais Novo | -1.703* | .049 |
| | Filho Único | -1.886* | .047 |
| Do Meio | Mais Velho | 1.229 | .219 |
| | Mais Novo | -.474 | .637 |
| | Filho Único | -.657 | .542 |
| Mais Novo | Mais Velho | 1.703* | .049 |
| | Do Meio | .474 | .637 |
| | Filho Único | -.183 | .847 |
| Filho Único | Mais Velho | 1.886* | .047 |
| | Do Meio | .657 | .542 |
| | Mais Novo | .183 | .847 |

*significativo a $p < 0,05$

Anexo III.4 – Planeamento da Carreira quanto à configuração familiar – sexo masculino

| CDI – Escala A (Planeamento de Carreira) | | | |
|---|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filho Mais velho – Irmãos | 11 | 55,09 | 10,76 |
| Filho Mais Velho – Irmãs | 15 | 59,33 | 12,47 |
| Filho do Meio - Irmãos | 5 | 61,80 | 10,85 |
| Filho do Meio – Irmãs | 3 | 54,33 | 18,88 |
| Filho Mais Novo – Irmãos | 11 | 51,91 | 9,29 |
| Filho Mais Novo - Irmãs | 11 | 62,09 | 11,76 |

Anexo III.5 – Exploração de Carreira quanto à configuração familiar – sexo masculino

| CDI – Escala B (Exploração de Carreira) | | | |
|--|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filho Mais velho – Irmãos | 11 | 141,36 | 25,11 |
| Filho Mais Velho – Irmãs | 15 | 134,47 | 23,70 |
| Filho do Meio - Irmãos | 5 | 139,40 | 33,81 |
| Filho do Meio – Irmãs | 3 | 131,00 | 15,62 |
| Filho Mais Novo – Irmãos | 11 | 136,82 | 17,12 |
| Filho Mais Novo - Irmãs | 11 | 132,18 | 25,40 |

Anexo III.6 – Escala de Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão quanto à configuração familiar – sexo masculino

| EAC – Escala Causalidade Interna Sucesso e Tomada de Decisão | | | |
|---|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filho Mais velho – Irmãos | 11 | 40,09 | 5,20 |
| Filho Mais Velho – Irmãs | 15 | 40,20 | 4,35 |
| Filho do Meio - Irmãos | 5 | 42 | 4,74 |
| Filho do Meio – Irmãs | 3 | 42 | 2,65 |
| Filho Mais Novo – Irmãos | 11 | 41,36 | 4,32 |
| Filho Mais Novo - Irmãs | 11 | 43 | 4,05 |

Anexo III. 7 – Escala de Causalidade Interna de Sucesso de Fracasso e configuração familiar – sexo masculino

| EAC – Escala Causalidade Interna Fracasso | | | |
|--|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filho Mais velho – Irmãos | 11 | 14,73 | 5,16 |
| Filho Mais Velho – Irmãs | 15 | 15,27 | 5,20 |
| Filho do Meio - Irmãos | 5 | 17,60 | 3,58 |
| Filho do Meio – Irmãs | 3 | 18,67 | 2,52 |
| Filho Mais Novo – Irmãos | 11 | 16,55 | 3,67 |
| Filho Mais Novo - Irmãs | 11 | 16 | 5,92 |

Anexo III.8 – Escala de Causalidade Externa e configuração familiar – sexo masculino

| EAC – Escala Causalidade Externa | | | |
|---|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filho Mais velho – Irmãos | 11 | 37,73 | 9,22 |
| Filho Mais Velho – Irmãs | 15 | 37,80 | 8,94 |
| Filho do Meio - Irmãos | 5 | 37 | 12,88 |
| Filho do Meio – Irmãs | 3 | 37,67 | 4,04 |
| Filho Mais Novo – Irmãos | 11 | 36,64 | 5,32 |
| Filho Mais Novo - Irmãs | 11 | 34,64 | 7,15 |

Anexo III.9 – Diferenças entre médias dos grupos quanto à configuração familiar – sexo masculino

| | | Média | F | p |
|--|-------------------|--------------|----------|----------|
| Planeamento | Entre os grupos | 128,65 | .698 | .709 |
| | Dentro dos grupos | 184,23 | | |
| Exploração | Entre os grupos | 119,15 | .139 | .937 |
| | Dentro dos grupos | 557,23 | | |
| Causalidade Interna | Entre os grupos | 13,23 | .377 | .944 |
| De Sucesso de Tomada de Decisão | Dentro dos grupos | 35,11 | | |
| Causalidade Interna | Entre os grupos | 13,89 | .555 | .830 |
| de Fracasso | Dentro dos grupos | 25,02 | | |

| | | | | |
|--------------------|-------------------|-------|------|------|
| Causalidade | Entre os grupos | 41,57 | .503 | .869 |
| Externa | Dentro dos grupos | 82,71 | | |

Anexo III.10 - Planeamento da Carreira quanto à configuração familiar – sexo feminino

| CDI – Escala A (Planeamento de Carreira) | | | |
|---|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filha Mais velha – Irmãos | 20 | 56,95 | 13,43 |
| Filha Mais Velha – Irmãs | 13 | 59,69 | 17,61 |
| Filha do Meio – Irmãs | 8 | 53,63 | 15,90 |
| Filha Mais Nova – Irmãos | 11 | 57 | 12,25 |
| Filha Mais Nova - Irmãs | 11 | 58,11 | 16,40 |

Anexo III.11 - Exploração da Carreira quanto à configuração familiar – sexo feminino

| CDI – Escala B (Exploração de Carreira) | | | |
|--|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filha Mais velha – Irmãos | 20 | 127,35 | 23,37 |
| Filha Mais Velha – Irmãs | 13 | 147,08 | 32,25 |
| Filha do Meio – Irmãs | 8 | 147,38 | 24,74 |
| Filha Mais Nova – Irmãos | 11 | 146,57 | 22,05 |
| Filha Mais Nova - Irmãs | 11 | 131,32 | 26,25 |

Anexo III.12 - Escala Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão quanto à configuração familiar – sexo feminino

| EAC – Escala Causalidade Interna de Sucesso e Tomada de Decisão | | | |
|--|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filha Mais velha – Irmãos | 20 | 41,35 | 6,56 |
| Filha Mais Velha – Irmãs | 13 | 45,08 | 3,15 |
| Filha do Meio – Irmãs | 8 | 40,88 | 7,10 |
| Filha Mais Nova – Irmãos | 11 | 42,86 | 4,83 |
| Filha Mais Nova - Irmãs | 11 | 42,74 | 4,84 |

Anexo III.13 – Causalidade Interna de Fracasso quanto à configuração familiar – sexo feminino

| EAC – Escala Causalidade Interna de Fracasso | | | |
|---|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filha Mais velha – Irmãos | 20 | 14,20 | 4,92 |
| Filha Mais Velha – Irmãs | 13 | 16 | 5,89 |
| Filha do Meio – Irmãs | 8 | 13 | 3,67 |
| Filha Mais Nova – Irmãos | 11 | 17,14 | 4,35 |
| Filha Mais Nova - Irmãs | 11 | 17,32 | 6,23 |

Anexo III.14 – Causalidade Externa quanto à configuração familiar – sexo feminino

| EAC – Escala Causalidade Externa | | | |
|---|----------|--------------|----------------------|
| | N | Média | Desvio-padrão |
| Filha Mais velha – Irmãos | 20 | 31,40 | 10,94 |
| Filha Mais Velha – Irmãs | 13 | 35,08 | 12,54 |
| Filha do Meio – Irmãs | 8 | 27,50 | 7,41 |
| Filha Mais Nova – Irmãos | 11 | 32,71 | 8,01 |
| Filha Mais Nova - Irmãs | 11 | 33,74 | 8,34 |

Anexo III.15 – Diferenças entre médias quanto à configuração familiar – sexo feminino

| | | Média | F | p |
|--|-------------------|--------------|----------|----------|
| Planeamento | Entre os grupos | 137,02 | .651 | .733 |
| | Dentro dos grupos | 210,51 | | |
| Exploração | Entre os grupos | 1039,23 | 1,35 | .226 |
| | Dentro dos grupos | 557,23 | | |
| Causalidade Interna | Entre os grupos | 35,32 | 1,11 | .359 |
| De Sucesso de Tomada de Decisão | Dentro dos grupos | 31,70 | | |
| Causalidade Interna | Entre os grupos | 32,569 | 1,18 | .318 |
| de Fracasso | Dentro dos grupos | 27,63 | | |
| Causalidade | Entre os grupos | 82,05 | .503 | .869 |
| Externa | Dentro dos grupos | 96,07 | .854 | .557 |

Anexo III.16 – Diferenças entre médias quanto à Maturidade Vocacional – sexo
feminino - *Post hoc*

| | | CDI – Escala A | | CDI - Escala B | |
|--|---------------------|-------------------------|----------|-------------------------|----------|
| Ordem de Nascimento | | Diferenças de Médias | <i>p</i> | Diferenças de Médias | <i>p</i> |
| Filha Mais Velha Irmãos | Mais Velha – Irmãs | -2,74 | .591 | -19,73* | .048 |
| | do Meio – Irmãs | 3,325 | .585 | -20,025 | .087 |
| | Mais Nova – Irmãos | -0,50 | .992 | -19,22* | .049 |
| | Mais Nova – Irmãs | -1,16 | .804 | -3,97 | .656 |
| Filha Mais Velha Irmãs | Mais Velha – Irmãos | 2,74 | .597 | 19,73* | .048 |
| | do Meio – Irmãs | 6,07 | .354 | -2,98 | .981 |
| | Mais Nova – Irmãos | 2,69 | .631 | .505 | .962 |
| | Mais Nova – Irmãs | 1,59 | .762 | 15,76 | .117 |
| Filho do Meio Irmãs | Mais Velha – Irmãos | -3,23 | .585 | 20,025 | .087 |
| | Mais Velho – Irmãs | -6,07 | .354 | .298 | .981 |
| | Mais Novo – Irmãos | -3,375 | .601 | .804 | .948 |
| | Mais Novo – Irmãs | -4,480 | .405 | 16,06 | .172 |
| Filha Mais Nova Irmãos | Mais Velha – Irmãos | 0,50 | .992 | 19,221* | .049 |
| | Mais Velha – Irmãs | -2,69 | .631 | -5,05 | .962 |
| | do Meio – Irmãs | 3,38 | .601 | -.804 | .948 |
| | Mais Nova - Irmã | -1,11 | .829 | 15,26 | .121 |
| Filha Mais Nova Irmãs | Mais Velha – Irmãos | 1,16 | .804 | 3,97 | .656 |
| | Mais Velha – Irmãs | -1,59 | .762 | -15,76 | .117 |
| | do Meio - Irmãs | 4,48 | .465 | -16,059 | .172 |
| | Mais Nova - Irmãos | 1,11 | .829 | -15,256 | .121 |

*significativo a $p < 0,05$